UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIO VICTOR SENHORINI FRANCO

Fala e linguagem em psicanálise: uma análise dos problemas técnicos e teóricos enfrentados por Jacques Lacan antes da linguística

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIO VICTOR SENHORINI FRANCO

Fala e linguagem em psicanálise: uma análise dos problemas técnicos e teóricos enfrentados por Jacques Lacan antes da linguística

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo Programa de Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Professor Titular Nelson Da Silva Junior

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Senhorini Franco, Mario V.

Fala e linguagem em psicanálise: uma análise dos problemas técnicos e teóricos enfrentados por Jacques Lacan antes da linguística / Mario Victor Senhorini Franco; orientador Nelson da Silva Junior – São Paulo, 2019.

80 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Psicanálise. 2. Fala. 3. Epistemologia. I. Título.

Nome: Mario Victor Senhorini Franco

Título: Fala e linguagem em psicanálise: uma análise dos problemas técnicos e teóricos enfrentados por Jacques Lacan antes da linguística

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família. Minha mãe pela forma dedicada e implacável que sempre conduziu a vida. Meu pai pela inventividade, espontaneidade e, porque não, a irreverência tão presente em seu cotidiano. Minha irmã pelo companheirismo, ainda que arredo, que temos desde a infância. E todos vocês pelo apoio e confiança que sempre depositaram em mim.

Agradeço especialmente a Nelson da Silva Junior, pela orientação sempre elegante e desafiadora. Pelo apoio e tranquilidade nos momentos mais turbulentos, sempre apontando os caminhos possíveis de se percorrer. Não poderia deixar de mencionar os colegas de orientação e de Latesfip pelas tantas leituras, sugestões e trocas.

Agradeço a banca de qualificação, Christian Dunker e Miguel Bairrão pela leitura atenta e comentários que foram decisivos para a continuação e conclusão desta pesquisa.

Aos queridos Hugo Lana, Clarice Paulon, Pedro Ambra e Paulo Beer, pelas leituras e conselhos em meio a almoços, cafés, e, principalmente, pelos papos nos sábados de feijoada e cerveja que sempre tornavam a rotina da pesquisa menos solitária.

A Rodrigo Gonçalves pela parceria que vem desde os tempos de graduação e se mantém firme até os dias de hoje. Pela sempre pronta ajuda, pela confiança e incentivo que foram cruciais para a conclusão deste trabalho.

A Gabriel Tupinambá, o amigo carioca que apesar da distância teve uma presença fundamental nessa pesquisa. Pela sua escuta e leitura sempre atentas e pelos comentários malucos, inventivos e inesperados que vinham após elas e que me deixavam pensativo por dias.

A Clarice Paulon pela forma otimista e determinada com que toca os desafios da vida e pelas trocas que extrapolam a psicanálise, a pesquisa, a universidade, atingindo aquilo que mais me importa, a insensatez da vida cotidiana.

Aos amigos e primos da infância em Guarulhos e na Tapera, Samael Costa, Guilherme Montagnane, Victor Valesce, Massao Takahashi, Caio Mazzafiori, Moises Quinteiro e Felipe Cardoso que me deram as melhores histórias e as melhores risadas, ainda insuperáveis.

A Bruna Seibert e Tato Salaverria pela improvável amizade, pela leveza da convivência, pela parceria e, especialmente, por tornarem São Paulo uma cidade mais acolhedora.

Aos moradores da Casa de Rita, João Burnier, Aline Izabel e Henrique Resende que me deram um lar longe de casa.

Aos colegas do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia pelo desafio de pensar e experimentar a ideia do comum.

"Só a Idéia, só o problema é universal. Não é a solução que confere sua generalidade ao problema, mas o problema que confere sua universalidade à solução."(DELEUZE, 1968/1988 p.158)

RESUMO

FRANCO, M. V. S. **Fala e linguagem em psicanálise: uma análise dos problemas técnicos e teóricos enfrentados por Jacques Lacan antes da linguística**, 2019. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Essa dissertação tem o objetivo de promover reflexões sobre a forma como a fala em análise era abordada por Jacques Lacan, tanto em seu estatuto técnico quanto epistemológico, nas produções anteriores ao ano de 1953, data de publicação do seminal *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (FC), momento que marca a articulação entre Psicanálise e Linguística no ensino de Jacques Lacan. Essa articulação representaria a grande inovação de Lacan, e daria início a uma longa história de diferentes alianças entre a psicanálise e diversos campos do conhecimento e movimentos teóricos, como o estruturalismo. Contudo, essa forma de abordar a psicanálise lacaniana pode eclipsar problemas anteriores a esse momento, como, por exemplo, de forma era abordada a fala em análise antes do conceito de significante. Portanto, tomou-se aqui tal encontro entre Psicanálise e Linguística não como um ponto de partida, mas como ponto de chegada de uma série de investigações que o precedem: formulações sobre a realidade psíquica, a função da agressividade na análise. Para tal, inicialmente investigou-se o contexto histórico e político que permearam a publicação de FC. Em sequência, analisou-se as produções escritas do psicanalista francês anteriores a esse momento, nas quais a fala em análise é diretamente colocada em questão, tanto em seu nível técnico como em seu nível teórico. Feito isso, retornou-se ao FC para se verificar se alguns desses desafios precedentes aparecem de forma direta ou indireta nas formulações presentes neste texto de importância ímpar na história da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Fala; Epistemologia.

RESUMO

FRANCO, M. V S. **Speech and language in psychoanalysis: An analysis of technical and theoretical problems faced by Jacques Lacan before the linguistic**, 2019. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation has the objective of promoting reflections about how the way of speech in an analysis was approached by Jaques Lacan, both in its technical status as in epistemological level, in his productions before 1953, date of publication at the seminal *The Function and Field of Speech and Language in Psychoanalysis* (FC), moment that marks the articulation between Psychoanalysis and Linguistics in the teaching of Jacques Lacan. This articulation would represent the big innovation of Lacan, and would initiate a long history of different coalitions between psychoanalysis and various fields of knowledge and movement theories, like the structuralism. With all these ways to aboard the lacanian psychoanalysis can hide previous problems to the moment, for example, the form to approach the speech in analysis before the concept of significance. For this reason, one approached the encounter between Psychoanalysis and Linguistic not as a starting point, but as finish point of a series of investigation that proceeded, such as: formulation about psychic reality, the function of aggressivity in analysis. For such, initially it was researched the historic and political context that permitted FC publication. Right after, analyzed the writing productions of the French psychoanalyst before the referred moment, in witch the matter of speech in analysis in directly set in questions, concerned both at its technical and theoretical level. Done that, it was returned to FC to verify if some of those preceding challenges appeared in a direct or indirect way on the formulations presented in this text as an odd importance in the history of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis, Speech; Epistemology

Sumário

I. Introdução	10
1. Contexto histórico do texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise..	16
1.1 A centralidade da fala como tese fundamental para o texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise	25
1.2 Um retorno em Lacan: como os problemas referentes à fala aparecem desde o início do percurso lacaniano	35
2. 1953, o ano que não acabou.....	51
2.1 Simbólico, Imaginário e Real	52
2.2 A fala plena e a fala vazia	65
CONCLUSÃO	81
Referências:.....	88

I. Introdução

A maior parte das periodizações do ensino de Lacan se inicia com o estabelecimento de uma articulação entre psicanálise e linguística, Freud e Saussure. Essa articulação representaria a grande inovação de Lacan, e daria início a uma longa história de diferentes “alianças” entre a psicanálise e diversos campos do conhecimento e movimentos teóricos, como o estruturalismo. Autores como Sidi Askofaré (2008) sugerem até mesmo que o famoso dito lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” se trata de um “axioma” de seu ensino. Ou seja, seria realmente um ponto de partida absoluto, antes do qual simplesmente não haveria um pensamento lacaniano propriamente. Para Askofaré, como também para outros importantes comentadores da obra de Lacan, como Milner (2012) e Miller (1998), o momento inaugural deste axioma, que sela a articulação entre psicanálise e linguística estrutural, seria o Discurso de Roma¹ e seu relatório² de 1953.

No entanto, o tratamento “axiomático” da articulação entre Freud e Saussure pode por vezes recobrir a análise histórica desse movimento de Lacan. Axiomas são, afinal, proposições que não precisam ser demonstradas, não podendo ser deduzidas de nada que as antecedeu, expressam uma decisão criativa em uma dada teoria ou sistema de pensamento, de modo que não é sempre evidente a relação entre uma proposição axiomática e um problema concreto que é resolvido, ou mesmo que desaparece, depois de aceitarmos esse novo ponto de partida. Para esclarecimento, o que estamos aqui chamando de axioma é uma: proposição analítica que seria absurdo negar. Além disso, seu papel seria apenas o de um princípio puramente formal que

¹ LACAN, J. (1953) Discurso de Roma. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

² LACAN, J.(1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

regulam a passagem de raciocínio, mas sem oferecer, ao contrário de outros princípios, sustento algum.³. (BLANCHE, 1955 p. 09 tradução nossa)

Com essa consideração em vista, podemos restituir uma certa problematicidade a esse momento inaugural do ensino de Lacan, marcado especialmente por sua comunicação de 1953, buscando não apenas tratá-lo como ponto de partida de uma nova e original articulação entre psicanálise e linguística, mas também como o ponto de chegada, ou de culminação, de problemas que não encontravam um tratamento adequado até então. É à luz desse projeto de investigação dos impasses que levariam Lacan à linguística e a uma associação com o estruturalismo, que buscaremos analisar o texto produzido por Lacan a partir do Discurso de Roma, o seminal *Função e Campo da Fala e da Linguagem*.

Desse modo, esse texto terá lugar privilegiado em nossa análise ao longo de toda a dissertação e as razões para esse recorte são tanto históricas quanto teóricas. Por um lado, o próprio Lacan se remeteu a esse escrito diversas vezes como um texto fundador de sua orientação e, na ocasião de seu discurso, se mostrava ciente da importância do que propunha. Um exemplo disso é que, segundo Roudinesco (1994), Lacan chega a solicitar uma reunião com o Papa da época para discutir sobre seu texto. Por outro lado, são inúmeros os comentadores que reconhecem aqui o início do que Milner (1996) denominará como o primeiro classicismo de Lacan, momento marcado por uma retomada do projeto cientificista freudiano, o qual teve seu ponto alto em sua metapsicologia (MILLER, 1988), pela via da formalização e que conduz Lacan inicialmente ao encontro do estruturalismo e da linguística. É o momento, para os mesmos autores, e podemos incluir Dor (1988a/b) nessa lista, que marca o período de alienação do ensino lacaniano à ciência. Isto é, momento no qual a cientificidade da psicanálise era uma preocupação pungente e que colocava o ideal científico como ponto futuro que

³ “proposición analítica que resultaría absurdo negar. Además, su función sería exclusivamente la de un principio puramente formal que regularía el paso del razonamiento aunque sin ofrecerle, al contrario de los demás principios, sustento alguno”

orientava os desenvolvimentos teóricos da época. Portanto, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (referido doravante simplesmente por “FC”) é tomado como um texto fundamental, não apenas para esse projeto de formalização pela via da linguística, mas para se compreender o movimento do ensino lacaniano.

Porém, como mencionamos acima, ao tomarmos FC como o pontapé inicial de um projeto ainda por ser construído - e que seria reformulado diversas vezes ao longo do ensino de Lacan - cedemos muitas vezes à tendência de ler o texto à luz das formulações que o sucederam, acentuando pré-conceitos ligados à categoria da letra, do significante, do gozo, etc. Ou seja, sua leitura tende a se dar em função do que vem depois, até mesmo como uma forma de justificar a manutenção ou abandono de suas formulações iniciais. Assim, seja numa chave de leitura que se localize ora na relação da teoria psicanalítica com ela mesma, como é o caso dos trabalhos que procuram avaliar a passagem da linguística a *linguisteria* ou da linguagem a *lalingua*, seja naqueles que firmam seus pés na complexa relação entre psicanálise e ciências (no plural), como é caso de MILNER (1991, 1996, 2012), MILLER (1988), DOR (1988 a/b), BEIVIDAS (2001), em todos esses casos, lemos FC a partir do futuro do ensino de Lacan, o que reforça a visão “axiomática” desse esforço inaugural.

Desse modo, ao nos direcionarmos a esse texto (e seus comentadores) para nos questionarmos o que na linguística e no estruturalismo fascina Lacan⁴, nos ocorreu perguntar, ao revés disso, qual era o problema que Lacan enfrentava nisso que chamaremos de uma pré-história de seu pensamento estruturalista. Isto é, o que na linguística e no estruturalismo se

⁴ Segundo Milner (2012) por exemplo, Lacan teria vislumbrado na linguística as características de uma ciência galileana tal qual definida por Alexandre Koyré. Isto é, enquanto possuidora de um objeto empírico possível de ser matematizável, mas aqui, diferente das ciências naturais, matematização não está ligada à medida, mas sim a uma literalização. “A linguística” segundo Milner (2012), “enquanto ciência era, portanto, decisiva. Mais do que qualquer outra ciência, atestava a legitimidade do galileísmo estendido à cultura; dava acabamento a uma figura inteiramente moderna da natureza” (p.39).

apresentam a Lacan como uma “solução” para os problemas teóricos da psicanálise com os quais se defrontava, e, portanto, quais eram estes problemas. Parte-se assim de sua “solução” para a busca do conjunto de suas “perguntas” prévias à *Função e campo da fala e da linguagem* em psicanálise. Hipoteticamente, o texto FC responde a um sub-conjunto destas perguntas. Qual teria sido o destino do resto delas? Esta lente de leitura parte do princípio que a obra lacaniana não é homogeneamente uma “obra clara”, mas que sua clareza pode esconder obscuridades que a complexificam.

O que buscaremos demonstrar ao longo dessa introdução é que o principal problema que confrontava Lacan era o de conceitualizar uma experiência, a "experiência analítica". Uma questão que parecia se arrastar em Lacan já há alguns anos, ora se perguntando sobre as funções da fala em análise, e mesmo buscado recuperar seu prestígio como principal via de acesso ao material analítico, ora mais próximo ao campo da linguagem no qual ele se perguntava sobre a forma de organização e de significação desse discurso em análise— é o que veremos mais adiante ao analisarmos alguns textos anteriores ao *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*.

É claro que, ao desenvolver a teoria do significante, Lacan visava conceitualizar a clínica psicanalítica, mas o que nos interessa aqui é entender de que maneira a experiência clínica aparecia em suas teorizações antes do estabelecimento de um novo paradigma radical de pensamento, como foi a introdução do conceito de significante em sua obra e sua adesão, ainda que conflitiva, ao debate estruturalista.

O próprio Lacan não negaria, acreditamos, o reconhecimento de que toda grande mudança de paradigma nos obriga a renunciar certos modos de compreensão, e nem tudo aquilo que é perdido com essa renúncia é necessariamente restituído num novo enquadre teórico. Assim, investigar esse momento histórico crítico no ensino de Lacan, representado pelo texto *Função*

e campo da fala e da linguagem em psicanálise, é importante não só porque nos permite entender os problemas na conceituação da experiência analítica que a linguística nos auxiliou a resolver, mas também porque nos permite reconhecer que havia ali uma outra forma de abordar essa experiência.

Tendo justificado a centralidade do texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* nossa análise ao longo da dissertação será dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo iniciaremos nossa investigação reconstruindo o contexto histórico do *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, para depois abordaremos como a recuperação da centralidade da fala em análise é uma tese central do texto e como parte dos problemas que a psicanálise enfrentava à época era consequência do abandono da fala como objeto.

Ainda neste primeiro capítulo, investigaremos textos que estão nos *scripta* e que são anteriores ao *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de Lacan, para demonstrarmos que longe de simplesmente inaugurar uma orientação engajada do começo ao fim com a linguística estrutural, o texto comporta uma série de referências aos problemas que o antecederam – questões relacionadas à fala e ao relato, à fala sob a lei da associação livre, sobre a relação entre fala e agressividade e etc.

No segundo capítulo procuraremos pensar o que havia de singular nesses desenvolvimentos anteriores de Lacan, analisando como os problemas relacionados às funções da fala estão fincados em uma abordagem radicalmente psicanalítica da clínica, onde a precedência da fala sobre a linguagem não assinala tanto um engano a respeito da “intersubjetividade” no processo clínico, a ser “corrigido” pelas concepções posteriores de transferência e do sujeito suposto saber, mas, antes, demarca o interesse de Lacan pela teorização do processo analítico.

Nesse momento, procuraremos apresentar como o ano de 1953 não marca uma ruptura na abordagem de Lacan da psicanálise. Para tal nos preocuparemos em demonstrar como a

centralidade dos problemas relacionados à fala recebem tratamento especial pela sua conceitualização através do par conceitual da “fala plena” e da “fala vazia”. Mostraremos que é a partir desses dois conceitos que todas as outras inovações de Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise se articulam: a problemática do outro, a diferença entre imaginário e simbólico, etc. Neste momento nossos esforços estarão concentrados na leitura do texto Simbólico, Imaginário e Real e Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, ambos de 1953,

Por último, Dentro dessa perspectiva, é possível reconhecer a singularidade de um momento no pensamento de Lacan em que ele buscava ainda era conceitualização de um espaço em que, através de um trabalho do analista, viabiliza uma apropriação discursiva, uma fala que seja auto-referente, desprovida de referente fixo dado a priori e externo ao discurso do sujeito.

Não obstante, nosso interesse é demonstrar que, com seu foco na experiência da fala em análise, Lacan buscava conceitualizar o cerne da experiência analítica em termos que, mesmo já preparando as bases para a teoria do significante, mantinha uma relação singular com outras dimensões dessa experiência, tanto técnica quanto teórica. Para tal que propomos avaliar os desenvolvimentos que encontramos no FC a partir das perguntas e problemas que o precedem.

1. Contexto histórico do texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*

Como já dito anteriormente, o nosso objetivo aqui é tanto clarificar o que estava em cena à época da publicação do texto como apresentar um breve resumo de seu caminho argumentativo. Como é sabido, tanto a divulgação do FC como o Discurso de Roma aconteceram em setembro de 1953. Neste mesmo ano, conforme relata Roudinesco (1993), Lacan enfrentava alguns problemas na sua relação com a IPA (*International Psychoanalytical Association*). Sua recusa em seguir algumas das regras canônicas da instituição, como tempo e periodicidade das sessões, não era vista com bons olhos. Concomitante a isso, Daniel Lagache fundava uma nova sociedade psicanalítica na França (*Société française de psychanalyse*) [SFP], projeto que muito interessou a Lacan.

Desse modo, frente ao mal relacionamento com a IPA, Lacan passa a buscar uma posição de destaque na recém fundada SFP como forma de garantir a manutenção de seu projeto que culminará na comunicação intitulada *Simbólico, Imaginário e Real* (SIR) de 1953, comunicação que antecipa alguns dos pontos que apresentaria posteriormente em FC na ocasião do Congresso de Roma no mesmo ano. SIR é sem dúvidas um texto fundamental para o objetivo desta pesquisa, e que será trabalhado detalhadamente na primeira seção do capítulo dois.

Contudo, anteciparemos aqui a análise de um ponto deste texto que é de especial interesse para esse momento de contextualização histórica. Observemos que logo na abertura de sua comunicação, Lacan anuncia que o texto que está prestes a apresentar cumpre, ao menos, um duplo objetivo, qual seja:

Começarei, pois, escusando-me, pedindo-lhes que considerem esta comunicação dita científica, antes como, ao mesmo tempo, *um resumo de pontos de vista* que aqueles que estão aqui, meus alunos, conhecem bem, com os quais já estão familiarizados desde dois anos por meu ensinamento *e também como uma espécie de prefácio ou de introdução a uma certa*

Ou seja, historicamente, Lacan não buscava lançar um novo programa de pesquisa em psicanálise que abandonasse ou que apontasse como obsoleto os seus desenvolvimentos teóricos anteriores. A intenção não é anunciar um corte epistemológico radical com o que veio antes, mas antes sistematizar e justificar as inovações e os experimentos que já vinha realizando. As mesmas inovações e experimentos que o levaram até ali, uma vez que foi a insistência neles, a despeito das repreensões institucionais por parte da IPA que vinha sofrendo, que o levaram a buscar um outro lugar no qual pudesse dar continuidade a seu projeto.

Além disso, com esse mesmo intuito de buscar por “sustentação” e divulgação de seu trabalho, passa a extrapolar os próprios limites do campo psicanalítico, procurando também apoio tanto no Partido comunista francês (PCF) como na Igreja Católica. Nesta última, por intermédio de seu irmão, membro do clero, Lacan chega a solicitar uma reunião com o Papa para discutir seu texto, afirmando que sua doutrina pertencia à tradição cristã.

Digamos, de passagem, que esse apelo à igreja não nos deve causar espanto se tomarmos em consideração que, nesta época, Lacan encontrará importantes recursos para conceitualizar a fala em análise a partir dos estudos sobre a palavra e a verdade no cristianismo. Por exemplo, na lição de 30 de junho de 1954 do seminário livro um, Lacan faz um diálogo aberto com Santo Agostinho e suas reflexões sobre a palavra, especificamente com o texto “De magistro”. Afirma, inclusive, que este não só se antecipava à Linguística, mas também aos problemas com os quais ela viria se esbarrar, a saber, a relação entre palavra e significação: “constatamos que, bem antes de a Linguística vir à luz nas ciências modernas, alguém [Santo Agostinho] que medita sobre a arte da palavra, isto é, que fala disso, é conduzido a um problema que o progresso dessa ciência atualmente encontra.” (LACAN, 1954/1998, p. 298)

Ao considerarmos uma conhecida carta enviada por Lacan ao seu ex-analista (Rudolph Loewenstein) conseguimos circunscrever mais alguns dos entornos institucionais e certo teor político referente às tensões desse contexto histórico do qual Lacan se propõe discutir. E, para nos debruçarmos sob esse tema, nos valeremos também de alguns dos comentários já elaborado por Marcelo Checchia (2016) acerca do tema. Como Checchia nos adianta, há uma disputa por "reconhecimento, prestígio e poder" que permeia os primórdios da fundação da Sociedade Psicanalítica de Viena e a fundação da IPA (International Psychoanalytical Association) em 1910. Essa tensão se demonstra no nível institucional no que tange o caráter das distribuições de cargos, mas fundamentalmente, também nos desenvolvimentos teóricos. Um ponto enfatizado por Rodrigo Gonsalves e Ivan Estevão (2018) acerca desse elemento silencioso do político, que por vezes retorna "assombrando" o campo da psicanálise:

"Essa é uma das muitas heranças deixadas por Freud para a psicanálise, porém essa é uma bastante peculiar, trata-se de uma herança fantasmagórica. Essa desafiadora tríada [teórico, clínico e político] espreita esse campo e assombra qualquer um que se apoie sobre ele. E como boas histórias de fantasma geralmente se contadas, o momento do 'susto' acontece quando o inesperado atinge à superfície, mesmo que retroativamente em forma de surpresa - sendo que isso que surge é o que sempre esteve ali, escondido às claras [hidden in plain sight]. Mladen Dolar deixa esse ponto fundamentalmente claro, a falta de posicionamento político de Freud, marcou os fundamentos do campo psicanalítico com essa ausência. As aparições "fantasmagóricas" produzidas pelo enodamento entre essas três noções, ou para colocar de outro modo, os próprios efeitos dessa falta do político dentro da psicanálise, foram apenas recentemente começado a ser seriamente explorados". (op.cit, p.167)

Marcamos assim a relevância deste resgate, uma vez que cabe justamente para apresentar esse momento da história psicanalítica juntamente aos seus atravessamentos institucionais, políticos, teóricos e técnicos - colocando em cheque, alguns desses assombros e assim, refinando a contextualização destes eventos dentro do campo. Bem, acerca do capítulo francês dessa história, Checchia ressalva que na década de 1920, a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) se estabelece o compromisso da disseminação da psicanálise na França regida pelos nomes próprios de Rudolph Loewenstein, Marie Bonaparte, Édouard Pichon e René Laforgue.

E, já nesse momento inicial (1926) encontramos uma tensão com as diretrizes da IPA, como ressalva Checchia (2016):

Um grupo, liderado por Bonaparte e Loewenstein, defendia a adesão à ortodoxia da IPA; outro grupo, liderado por Pichon, mostrava-se resistente à ortodoxia e à influência germânica na psicanálise francesa. Pela proximidade que tinha com Freud e com o apoio de Loewenstein, Marie Bonaparte acabou exercendo um papel decisivo na obediência da SPP às regras da IPA (página única).

Ainda seguindo Checchia, entendemos que o lugar de Loewenstein foi consagrado na SPP depois de sua vitória sob a facção de Pichon. O psicanalista polonês tornou-se analista didata, conquistando prestígio e estabilidade, mas também, afirmando sua disseminação da corrente ortodoxa da técnica psicanalítica em Paris. Lacan passa por sua experiência de análise justamente com esse exímio defensor da ortodoxia da IPA entre junho de 1932 a dezembro de 1938. As críticas de Lacan a sua análise vão desde o caráter padronizado do tratamento até a grande divergência acerca do término de sua análise, como resgata Checchia dos comentários de Roudinesco e Laurent. Lacan considerava encerrada sua análise, o que lhe promoveria um passo institucional importante dentro da SPP, lhe viabilizando exercer a função de analista didata. Loewenstein, porém relutava a fazê-lo.

Checchia em seu comentário prescreve cirurgicamente essa tensão enquanto um problema institucional. Um vez que diz respeito ao lugar de indeterminação institucional no qual se encontrava Lacan, uma vez que desde 1934 o mesmo integrava a SPP sem poder ser nomeado enquanto psicanalista aderente da instituição. Foi então que Lacan recorre ao "outro lado do muro" e busca junto à Pichon sua nomeação sob a condição de apoiar a nomeação de Hartmann. Enfatizamos aqui que trata-se de um estratagema óbvio de política institucional ao qual Lacan adere em nome dessa posição. Aqui que localizamos outro ponto crucial de tensão entre Loewenstein e Lacan, a condição do aceite de Loewenstein à Pichon, era o de que Lacan retomasse sua análise após a nomeação, algo que jamais ocorreu.

Com avassalador evento da Segunda Guerra mundial, Checchia resume:

Diversos analistas judeus tiveram de sair da Europa, dentre eles Loewenstein — que foi para Nova York, em 1942, onde se juntou a Hartmann e Kris na fundação da psicologia do ego. Em 1945, com o fim da guerra, apenas alguns psicanalistas voltaram a se reunir restritamente; e somente ao final de 1946 havia quórum suficiente para a SPP retomar suas atividades. A partir de 1947 as reuniões ocorriam novamente como antes da guerra, mas desde então a SPP passou a funcionar sob a presidência de Sacha Nacht — outro ex-analisante de Loewenstein —, cargo que ocuparia até 1952 (op.cit, 2016).

O evento da Segunda Guerra e os desenvolvimentos críticos, bem como a aproximação acerca dos silêncios de teor político em psicanálise poderiam obviamente produzir uma série de outros estudos, porém não seguiremos aqui por essa direção. Apenas trazemos esse resgate histórico, em nome da prescrição das circunstâncias que exigiram alguns dos passos dados por Lacan. O risco da leitura anacrônica dos eventos, pode incorrer numa apreciação ingênua que atribui um excesso às aventuras do percurso de Lacan, perdendo de vista as claras condições materiais e institucionais envolvidas nesse caminho. Este é o ponto que inspira debatermos a arqueologia epistemológica de Checchia acerca desse momento. Nesse resgate, encontramos mais algumas tensões que contextualizam o envio da carta.

Uma dessas tensões advém dos efeitos da presidência de Nacht, que gerou conturbações no cerne da SPP. Como marca Checchia (op.cit) o conflito no pós-guerra, não se tratava mais de uma discussão entre internacionalistas (IPA) e nacionalistas (por uma psicanálise francesa), mas sim acerca da criação de um "instituto de psicanálise cuja função seria a de formar novos psicanalistas" (op.cit). Um dos pontos em debate que se destacamos é a possibilidade da ampliação do exercício da psicanálise para não-médicos, a abertura à análise leiga. Nacht era um forte defensor da ordem médica enquanto únicos representantes do exercício da psicanálise, enquanto Lagache e Lacan, tomaram a defesa da abertura do exercício psicanalítico. Tal desavença além de ganhar proporções maiores, dimensões extra-institucionais, acabou exacerbando o reconhecimento e a notoriedade de Lacan.

Concomitante a esses conflitos, no ano de 1951, Lacan dava início aos seus Seminários, o que acabou intensificando seus conflitos com a IPA, como frisa Checchia:

"Rapidamente não só os seminários estavam cheios de analistas em formação (mais da metade de frequentadores da SPP), como também seu consultório (ao menos um terço deles). Pelo número de analistas em seu divã, bem como pela frequência comum das sessões na época, logo se evidenciou que Lacan fazia sessões mais curtas, ferindo a norma de análise didática de sessões de 45 minutos — o que, aos olhos da IPA, era uma grave infração. Ernest Jones, por exemplo, na inauguração do Instituto de Psicanálise da SPP, em 1954 — no ano seguinte, portanto, da cisão da SPP e da instituição da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP) —, diz: “A formação de futuros analistas obedece, no mundo inteiro, a regras fixas pela Associação Psicanalítica Internacional. É importante sublinhar que o instituto que inauguramos hoje é o único que a IPA reconhece na França como apta a dar o ensino necessário à prática da psicanálise” (op.cit, 2016).

Aqui encontramos um curto-circuito das tensões institucionais, dos desenvolvimentos teóricos e das práticas clínicas. De certa forma, as coisas não poderiam mais ser as mesmas diante dessa circunstâncias. E que foi após essa insurgência, que a insustentabilidade se instaurou e provou a criação da SFP com Lacan, Lagache, Dolto e Favez-Boutonier. Após essa cisão, Lacan escreve à Loewenstein para atualizá-lo acerca dos ocorridos e então, redige a famosa carta. Carta essa que foi recebida com ressentimento e nunca foi respondida, como resgata Checchia. Após essa necessária contextualização, conquistamos o mapeamento das tensões e conseguimos examinar os seus conteúdos, em nome da discussão que promovemos aqui no capítulo.

A carta de Lacan a Rudolph Loewenstein, data de 14 de julho de 1953, fora publicada em *Ornicar?* n.7 de 1976. Na carta, Lacan anuncia a inauguração de sua vida científica na Sociedade Francesa de Psicanálise com a comunicação sobre "o simbólico, o imaginário e o real" (tema do qual nos dedicaremos logo em breve). E também, permite a interpretação de certo tom de zelo pela forma como seu conflito franco com Nacht, pudesse vir a ser interpretado por Loewenstein. Não obstante, não descartamos a interpretação de que Lacan poderia possuir

grande interesse em encontrar em Loewenstein um forte aliado. Mesmo que à distância, o papel político de Loewenstein na psicanálise ainda era fortemente representativo.

Lacan passa a descrever sua perspectiva acerca dos eventos, marcando cada vez mais e mais sua oposição à Nacht. Embora tente também ressaltar os aspectos positivos, sempre encontra outros bons três ou quatro argumentos para deslegitimar o atual responsável institucional ao seu antigo analista. E em seu relato acerca das ações de Nacht, Lacan vai pontuando como seu posicionamento, ora crítico, ora copiosamente, elege cinco tópicos centrais para o desmoronamento de sua conformidade: (1) uso "puramente político" da força institucional de Nacht diante de insurgentes visando "neutralizar a ação" destes, (2) a oposição ao exercício psicanalítico dos não-médicos, (3) a tentativa da oficialização do diploma de psicanalista na França, (4) "domesticar" os que manifestaram necessidade "técnica verdadeiramente compreensiva" do doente mental e (5) finalmente, serem os "donos da situação" como dirá Lacan, agindo como "barragem", como um muro, destes que teriam o poder de então ditar quem está autorizado a acessar o exercício da profissão. Em seu tom crítico, Lacan prescreve uma distinção preciosa mesmo que ainda não aprofundada do ensino no Instituto, por um lado o ensino quase como em si mesmo acerca da psicanálise e o que seria o ensino enquanto meio de dominação.

Sua crítica passa a atingir outros dos bastiões da psicanálise francesa, intitula Marie Bonaparte de "a princesa", para rechaçar seus excessos e suas manobras em nome de privilégios e benefícios. Ponto este que confirma para Lacan a força poderosa desse pequeno grupo sob os demais. Em outro curioso momento do endereçamento de Lacan ao seu ex-analista:

"Devo dizer que voltei para casa prodigiosamente animado e fiquei quinze dias sem manifestar nada a ninguém. Estou deixando passar o fato de que Nacht, na casa de quem eu havia almoçado na véspera desse primeiro dia memorável, tinha me garantido quanto à sua

intenção de, enfim, deixar-me a Presidência[19] — curioso procedimento para o qual ele nunca encontrou outra desculpa, a não ser o fato de que sua mulher lhe teria desaconselhado ficar me atazanando, dizendo para mim aquilo que ia ser proposto no dia seguinte!! O mais incrível é que ele parece tê-la realmente considerado responsável por ter, assim, “alterado as nossas relações” (op. cit)

É curioso não apenas por ser o momento na carta onde Lacan escancara seu desatino, com todos os afetos possíveis, como curiosamente atravessa na carta o que as palavras escritas não deixam de dizer: "Estou deixando passar..." (op.cit) É precisamente o que a carta parece reiterar à cada instante, Lacan não deixa passar seu desalento pelos joguetes político institucionais do qual se via ali submetido. E o pleito de Lacan é claro: "Uma mudança de estilo podia ser esperada como favorável, agora que a fundação do Instituto devia, em princípio, restituir à Sociedade uma maior disponibilidade para o trabalho doutrinal. A minha designação para a Presidência devia ter a anuência de todos". Não apenas Lacan visava dizer pelo Instituto, Lacan forçosamente marcava sua intenção em ocupar o lugar dessa mudança e como tal movimentação deveria "ter a anuência de todos". Uma percepção de "obviedade", um tanto problemática que estava aqui sendo excessivamente afirmada em uma auto-proclamação.

Lacan então passa a versar sobre a "batalha", quando a cisão se escancarou e os lados se afirmaram. E Lacan novamente, tenta sustentar a dignidade no manejo da situação institucional perante seu ex-analista. Dizendo como colocou-se como mediador, sendo testemunha de situações espantosas como conversas telefônicas entre "a princesa" e Anna Freud, para saber se o grupo rival seria reconhecido em caso de cisão e como esse movimento tem força de chantagem. E como Lacan descreve as consequências dessa movimentação, enquanto derivações de chantagens sob a manipulação cuidadosa do grupo de Nacht. Em seguida, Lacan descreve na carta suas tentativas de retorno aos princípios do Instituto mas que

suas proposições estatutárias não tinham validação jurídica. Que havia uma "ênfase no próprio ensino, e não em suas incidências políticas", a auto-crítica de Lacan é fundamental aqui, pois Lacan ao fazê-la, coloca em cheque sua própria ingenuidade e a nomeia de *fracasso*. Entretanto, esperamos marcar como tal dissociação não cabe ser feita. Ou então, a solução desse tema estrutural da psicanálise, não se faz ou se viabiliza à revelia de um dos seus eixos fundamentais, a saber, do político, do teórico e do prático. Claramente, essa dissociação, não cabe ser feita. A solução desse tema estrutural da psicanálise não se dá à revelia de um de seus eixos.

Finalmente, Lacan segue seu relato dedicado dos passos que se deram nesse momento mais politicamente delicado, pontuando como inúmeras tentativas de minar seus esforços para conseguir presidir a Instituição foram se presentificando, como as desafios e dificuldades para que o mesmo conseguisse ensinar também se mostraram e que, nesse processo todo, Lacan marca não apenas sua solidão perante a situação, mas também sua consagração, especialmente diante dos mais jovens que não lhe abandonaram. E Lacan finaliza mencionando que escreverá: "...para Roma, o meu relatório sobre a função da linguagem na psicanálise; ao fato de que sei, cada vez melhor, o que tenho a dizer sobre uma experiência que só esses últimos anos me permitiram reconhecer em sua natureza e, somente assim, de dominar verdadeiramente" (op. cit). Tal ponto nos é caro não apenas para ressaltar a confiança técnica que se confirma para Lacan acerca de seus desenvolvimentos em psicanálise da função da linguagem, mas também, para dar relevo ao contexto institucional e político, das circunstâncias pelas quais lhe atravessavam aquele determinado momento. Como esperamos ter ilustrado ao longo dessa seção, o enlace das situações institucionais são complexos em sua história e seus muitos níveis fizeram parte da projeção política de Lacan. Simultaneamente, encontramos desenvolvimentos técnicos e teóricos que eram aprimorados pelo psicanalista.

É relevante destacar que essas críticas se endereçavam tanto ao movimento psicanalítico da IPA como o movimento psicanalítico americano que ficou conhecido sob a alcunha de Psicologia do ego⁵. Movimento analítico que, segundo Baratto (2002), defendia a tese central do ego como mestre soberano da vida psíquica. "Pela primeira vez, era possível tornar-se psicanalista sem ter de enfrentar as dispendiosas e inacessíveis condições impostas pela Sociedade de Psicanálise. Essa liberdade trazida pelos novos modelos de formação lacanianos, combinava-se admiravelmente com sua origem contestatória, rebelde e insurgente, que teria levado Lacan a ser expulso da Associação Psicanalítica Internacional, no Congresso de Estocolmo, realizado em 1963. Entre as acusações, além das sessões com tempo variável, havia a inaceitável convivência entre o psicanalista e seus analisantes, que, por exemplo, frequentavam seus seminários abertos." (Dunker, 2015 - p.159)

Reforçar aqui que Lacan não só apresentou FC para justificar algo que já vinha fazendo em caráter experimental, mas que buscou tornar seus experimentos transmissíveis e reproduzíveis por outros analistas - daí a necessidade de buscar um novo respaldo institucional.

1.1 A centralidade da fala como tese fundamental para o texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*

Os atravessamentos políticos integraram o percurso do desenvolvimento em psicanálise para Jacques Lacan. Como apresentamos anteriormente, tais elementos dão claro relevo à

⁵ Em resumo, a *Psicologia do Ego* diz do desenvolvimento de uma vertente psicológica que privilegia o Ego enquanto seu objeto central, considerando práticas em nome de seu fortalecimento e desenvolvendo àquilo que o enfraquece, como seus motores terapêuticos. Tal vertente se auto-proclama oriunda das teses psicanalíticas, entretanto livrando-se deliberadamente das discussões acerca de pontos complexos dos desenvolvimentos freudianos em nome da sustentação de sua essa premissa clínica. Caráter radicalmente diferente da materialidade da fala sustentada por Lacan em textos como *Função e Campo da fala*, que serão endereçados ao longo da tese.

resistência encarada para os psicanalistas da época acerca do caráter experimental de Lacan diante de alguns empasses com os quais o mesmo já se deparava. O texto de Lacan apresenta como tese central fundamentalmente dois aspectos: para Lacan, desde Freud a psicanálise se localiza no campo da linguagem e extrai seus efeitos da função da fala. Para tal, primeiro, Lacan enveredará no esforço de apresentar como o abandono da fala como elemento central para a psicanálise haviam provocado mudanças na técnica analítica, minando seu potencial transformador, reduzindo-a a uma prática adaptacionista. Segundo, no esforço de demonstrar o que significa essa retomada da fala e de que forma ela poderia ser pensada técnica e teoricamente, é nesse momento que ele apresenta o par conceitual “fala plena” e “fala vazia” os quais serão os protagonistas das formulações apresentadas pelo texto.

A linguística estrutural se apresenta, nesse momento, como um forte aliado para a tese central do texto. Contudo, como dito anteriormente, nosso caminho será investigar a investigação que conduziu à “solução” de Lacan, não no esmiuçar da solução em si, mas da melhor compreensão acerca do problema que ela visava resolver. Uma vez que uma ‘solução’ pressupõe aplacar a existência de algum *problema* dentro do campo. E, mesmo que apontemos como a presença destes problemas já se apresentava muito antes do desenvolvimento deste texto, conseguimos por um lado enfatizar a legitimidade e relevância dos passos firmados por Lacan; mas por outro lado, também marcar como tais pontos centrais de tensão, não foram inventados por Lacan. Em outras palavras, as soluções propostas pelo psicanalista francês são originais, mas dizem respeito aos problemas e impasses oriundos do próprio campo.

Desta forma, nos aproximaremos de seu texto FC, cientes justamente deste direcionamento investigativo. Nosso compromisso é dar embasamento, substrato e respaldo ao que Lacan denota enquanto estes problemas do campo, da mesma maneira, como trilhar quais seriam as tais soluções encontradas neste texto. Ou então, delinear o que está realmente em jogo em dar

destaque à *fala e linguagem* dentro da experiência psicanalítica, bem como a compreensão do campo em relação ao tal resgate. Sem deixarmos de pontuar o que nos parece central aqui nesta tese, que é nos interrogar: Por que Lacan precisou deste resgate? Desta maneira, investigaremos ao longo desta seção os caminhos de tais as tensões apresentadas e também, as elaborações formuladas para lhes sanarem.

Desse modo, frente às ações e esforços de Lacan para encontrar formas de divulgação do projeto que apresentaria com FC, podemos dizer que este sabia da força do trabalho que tinha em mãos. Não à toa, como já dissemos anteriormente, esse texto é considerado como o início de uma psicanálise propriamente lacaniana. Mas, esta maneira de analisar o texto provoca o eclipse de algumas de suas questões centrais. É certo afirmar que a linguística era de fato muito atrativa às aspirações científicas de Lacan, como afirma Milner (2011), por gozar à época do status de ciência e fornecer à psicanálise um modelo para a estruturação e justificativa de sua empreitada de retorno a Freud. Ou mesmo, como afirma Miller (1998), Lacan:

Pôs o começo de seu ensino sob o signo de um retorno a Freud. Apenas formulou, a propósito da psicanálise, uma pergunta fundamentalmente crítica: quais são suas condições de possibilidade? E qual foi a resposta? A psicanálise só é possível se, e somente se, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. O que se chama o ensino de Lacan é o desenvolvimento dessa hipótese até suas últimas consequências (p. 12)

Contudo, como afirmamos na introdução, queremos destacar que, para além de conter a gênese do que viria a ser a psicanálise de orientação lacaniana, esse texto fazia referência a questões que já se faziam presentes antes dessa associação com a linguística. Assim, a citação acima nos serve bem para demonstrarmos o problema que estamos tentando circunscrever.

Como afirma Miller (ibid.), a preocupação de Lacan era com as “condições de possibilidade” da psicanálise. De fato, a consequência última que se extrai dessa solução no seu ensino é que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” – apesar disto ainda

não estar formulado nesses termos no texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Acontece que esta formulação do problema, que encontramos de maneira recorrente nos comentadores de Lacan, no qual de um lado se indaga sobre a possibilidade da psicanálise e de outro se dá como resposta pronta o inconsciente como estrutura de linguagem, opera o ofuscamento do problema que nos parece central para Lacan neste texto, a saber: recolocar a fala como o centro, o objeto, da experiência analítica e a conceitualização desta fala em análise.

Na verdade, uma avaliação dos textos que antecedem FC revelam um Lacan menos preocupado com a questão epistemológica - “quais as condições de possibilidade da psicanálise?” - e mais com a conceituação da experiência clínica: é assim que encontramos, por exemplo, em Variantes do Tratamento-Padrão, a pergunta “o que é fala⁶?” (LACAN, 1955/1998, p.353), seguida do comentário, perplexo, de que “nenhum conceito, no entanto, fornece o sentido da fala, nem mesmo o conceito do conceito” (ibid). A cientificidade do objeto e da teoria psicanalítica, questão que gira em torno da promoção de um modelo formal transmissível, ficaria assim em segundo plano numa pesquisa ainda assombrada pelos paradoxos que emergem na própria experiência clínica.

Considerar essa questão, que estamos chamando de pré-história do pensamento lacaniano, nos abre uma outra possibilidade de leitura do Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, uma vez que não estaremos mais nele procurando os elementos que justifiquem a formulação posterior do inconsciente como estrutura – isto é, não estamos focando neste texto de Lacan de uma perspectiva de um modelo geral de linguagem, mas de uma posição centrada na promoção da fala como organizadora imanente da experiência analítica. A própria relação

⁶ É importante mencionar que existe uma diferença entre o termo “fala” em português e “parole” em francês. Este último termo engloba também o significado de “palavra” em português.

ou dependência do ensino lacaniano da linguística pode ser colocada por um momento em segundo plano. Isto porquê, se por um lado a possibilidade de estruturação do inconsciente como linguagem dependeu da linguística e é datada nesse momento da virada da década de 40 para 50, de outro, quando olhamos para o problema da questão da fala em análise, vemos que ela não depende das formulações da linguística em si. As preocupações, questionamentos e investigações relativas à fala já se mantinha durante décadas no escrito lacaniano. O que se quer aqui apontar é que, a questão da fala já existia antes do encontro com a linguística, promovendo a articulação entre a psicanálise e outros campos teóricos, como é o caso da (1) teoria dos jogos, da (2) cibernética e da (3) biologia evolutiva.

A relação com (1) a teoria dos jogos, com exemplo patente no texto *O número treze e a forma lógica da suspeita* (1945-6) e *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1945), onde Lacan explora as formulações lógicas e suas possíveis contribuições aos desenvolvimentos do sujeito. No texto, o psicanalista se envereda em busca de uma *lógica do sujeito*, percorrendo frentes diversas em nome da melhor solução para questões que desafiavam e assombravam o campo psicanalítico de sua época. Cabendo notar que Lacan concomitantemente se valeu dessas explorações em suas formulações, demonstrando certo atravessamento ou intercruzamento teórico, algo que se mostra cristalino em seus Seminários.

Lacan se envereda pela (2) cibernética quando começa a considerar as relações maquínicas do simbólico e como isso impacta as relações intra-psíquicas do sujeito. Trata-se aqui das interpretações acerca do automatismo do simbólico e de suas imposições diante da vida humana.

Finalmente, a (3) biologia evolutiva está consideravelmente presente em suas empreitadas teóricas, advém de inúmeras discussões ao longo deste período, principalmente em *O estádio de espelho* (1949), onde antes de formalizar a sua contribuição propriamente dita, Lacan

argumenta com a fenomenologia e biologia de sua época. Neste texto, sua exploração acerca das gônadas da pomba e da transição da forma solitária para forma gregária dos gafanhotos, visa localizar em comportamentos animais um mimetismo identificatório para além da identificação heteromórfica. Conseguimos absorver dessa linha argumentativa, que Lacan não está descartando os elementos oriundos da biologia, mas tentando integrá-los dentro da experiência clínica em psicanálise. Lacan tentará articular o campo da realidade psíquica e sua relação na formação do sujeito, por um lado sem desprezar os componentes biológicos e por outro lado, também criticando as construções com premissas ideológicas de um *certo modo de fazer científico* oriundos deste campo. Lembrando que um dos objetivos centrais de Lacan neste texto, é explorar a instauração do Eu e das elucubrações acerca do *Innenwelt* (organismo, mundo interno) e *Umwelt* (ambiente, mundo externo). Em suas palavras, como: "um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade - ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*" (p.100).

A relação com a linguagem também já se fazia presente nessas encontros de Lacan com a Biologia, se faz digno notar que os atravessamentos da lógica, segundo as explorações de Lacan, também dizem respeito de suas aproximações com a linguagem. Conforme notamos na seguinte passagem:

"Mas, a nos fundamentarmos apenas nesses dados subjetivos, e por menos que os emancipássemos da condição de experiência que nos faz deduzi-los de uma técnica de linguagem, nossas tentativas teóricas ficariam expostas à recriminação de se projetarem no impensável de um sujeito absoluto: eis por que procuramos, na hipótese aqui fundamentada num concurso de dados objetivos a grande diretriz de um *método de redução simbólica*" (p. 101)

Entendemos aqui a tentativa de Lacan de atar suas formulações teóricas acerca da constituição de sujeito, com sua lógica, fundamentando seu método de redução simbólica relacionado ao que ele mesmo chama de técnica de linguagem, técnica essa que por sua vez se vale dos dados objetivos de uma biologia evolutiva. Diante da abertura destas frentes de investigação, Lacan

faz uma outra pergunta, sua formulação lhe levará para a linguística e aqui, nos perguntamos justamente isto: Por que Lacan se valerá da linguística?

Desse modo, não podemos deixar de observar que, embora a linguística fosse capaz de prover um modelo abstrato reconhecido como científico para a teorização da experiência analítica, não é ela que introduz para Lacan o problema da experiência da palavra/fala (*parole*) em análise. Antes da desambiguação e suas distinções que são privilegiadas em muitos outros estudos (citar alguns...), o presente texto vislumbra a apreciação da fala por Lacan, antes de ou considerando sua possibilidade antes da imersão estruturante da linguagem. Não se trata aqui necessariamente da desqualificação ou da objeção em relação às interpretações desta ordem, mas apenas a possibilidade de prover relevo à fala. Essa preocupação já se fazia presente, por exemplo, no texto *Para além do princípio de realidade*, datado de 1936, muito antes, portanto, do *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Neste primeiro texto, Lacan (1936/1998), ao falar sobre a “revolução do método freudiano” (p. 84), ressalta a importância da associação livre, na qual o paciente precisa falar livremente, como regra fundamental que constitui a experiência analítica⁷. É colocando a fala e a problemática do que ela significa como questão fundamental que orientaremos nossa leitura do texto.

Ao nos inclinarmos à leitura do *Função e campo da fala e da linguagem* com essas preocupações em vista, vemos que ainda no prefácio do texto Lacan se dedica a denunciar o preocupante imbróglio que a psicanálise se encontrava, o qual era em larga escala responsabilidade da atuação das próprias sociedades psicanalíticas. A rigidez com a qual buscavam controlar o movimento psicanalítico e sua interferência em questões que, para Lacan, estavam além de sua função⁸ produzia um engessamento da experiência e das possibilidades

⁷ Questão que será abordada de forma mais aprofundada na sessão seguinte desse mesmo capítulo.

⁸ Como evidencia a analogia que faz da IPA com uma: “auto-escola que, não satisfeita em aspirar ao privilégio singular de entregar a carteira de habilitação, se imaginasse em condições de controlar a construção automobilística?

de experimentação e pesquisa. Como ressaltamos na introdução deste capítulo, sua relação com IPA vinha sofrendo sérios desgastes já nesta época.

Logo em seguida, na introdução do texto, Lacan (1953/1998) irá apresentar o problema central, a seu ver, que a psicanálise enfrentava na época, a saber, uma “aversão do interesse [por parte dos psicanalistas] pelas funções da fala e pelo campo da linguagem. Ela motivava as ‘mudanças de objetivo e de técnica’ que são declaradas no movimento”. (p. 243). Tanto é a centralidade desse problema que Lacan o elege como objetivo do seu relatório, derivando-o em em três aspectos, sendo eles: primeiro, a “função do imaginário, digamos, ou, mais diretamente, das fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico” (ibid.) segundo, “noção das relações libidinais de objeto, que, renovando a ideia do progresso da análise, reformula em surdina sua condição (...) a psicanálise desemboca então numa fenomenologia existencial ou até mesmo num ativismo movido pela caridade” (ibid. p. 244) e por último: “importância da contratransferência e, correlativamente, da formação do psicanalista” (ibid.) Não obstante, afirma que:

“Esses três problemas têm um traço comum (...) trata-se da tentação que se apresenta ao analista de abandonar o *fundamento da fala*, justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame: a saber, a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética” (ibid. grifos nossos)

O título do texto se esclarece assim: como afirma Lacan em seguida, é das funções da fala, que a técnica psicanalítica extrai seus efeitos, e do campo da linguagem, do qual sua teoria se compõe. Já para o final do texto Lacan afirma:

Quisemos apenas lembrar-lhes o *a,b,c* desconhecido da estrutura de linguagem, e fazê-los soletrarem de novo o *bê-á-bá*, esquecido da fala

Pois, que receita haveria de guia-los numa técnica que se compõe de uma [linguagem] e extrai seus efeitos da outra [fala], se vocês não reconhecessem de uma e de outra o campo e função.

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. (ibid. p.323)

É digno de nota que essa divisão entre a fala como registro da eficácia das intervenções clínicas e a linguagem como dimensão orientadora da técnica - divisão em que a fala aparece do lado da teoria da causalidade e a linguagem do lado da tecnicidade do analista - tende a se perder em interpretações que privilegiam a linguagem como um modelo da realidade em geral, e a fala como uma expressão localizada do sistema diferencial linguístico. Mas é com o objetivo de trazer a fala para o centro da experiência que Lacan anuncia o famoso retorno a Freud, uma vez que para ele “desde Freud, esse campo central de nosso domínio caiu no abandono” (ibid. 245).

Segundo Lacan, o abandono da fala vinha acompanhado da alteração dos objetivos clínicos e com a própria compreensão e utilização da psicanálise. Melhor dizendo, Lacan estava atento às mudanças propostas pelos psicanalistas de sua época e também, aos abandonos de conceitos, noções e terminologias, como por exemplo, a relevância da sexualidade e os desenvolvimentos freudianos acerca da pulsão de morte. Por um lado trata-se de examinar e lidar com as implicações desses abandonos mas por outro lado, conseguir considerar quais são as motivações postas para incitar tais alterações dentro do campo. Lacan estava atento à maneira como os desenvolvimentos em psicanálise pareciam ir na direção de um certo abandono à Freud e suas teses, enquanto Lacan por outro lado, encontrou pontos cruciais em seu retorno à Freud. Sendo um destes elementos justamente a consideração da relevância da fala na experiência clínica. Como argumentamos até o presente momento, nos deparamos com a possibilidade de considerar um Lacan ainda não tão absorvido pelas fundamentações da *linguagem*, trata-se da

possibilidade de nos permitirmos problematizar um Lacan da fala, um Lacan que provê em seus textos a profundidade prévia ao seu aparentemente irremediável mergulho no linguagem.

Nos aproximamos dessa linha argumentativa ao considerarmos a continuação da passagem anterior: "Se o espaço definido por esse dom da fala tem que bastar para a ação de vocês e para seu saber, ele bastará também para seu devotamento. Pois oferece um campo privilegiado." (ibid p.323) Aqui localizamos um Lacan investido na fala, que para além de ser um Lacan clinicamente crucial, é também, um teórico atento para as complexas intempéries da fala. Podemos aqui resgatar que Lacan não se refere à uma metáfora ao examinar a relação da fala com a linguagem, mas sim, que ressalta uma estrutura. E, ainda antes disto, que o sentido mortal revelado na fala, diz de algo que sempre se revela e finda no falar. Cito:

"Dizer que esse sentido mortal revela na fala um centro externo à linguagem é mais do que uma metáfora, e evidencia uma estrutura. Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera onde nos comprazemos em esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela corresponde, antes, ao grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel." (ibid, p.321)

Disto, Lacan mostra relação distinta, porém imbricada entre fala e linguagem. Seguindo para uma exposição topológica destes conceitos visando sua complexidade teórica diante de suas torções, giros e voltas.

Retomando o caminho argumentativo dessa sessão, partindo das acusações de Lacan de que o abandono da fala, enquanto elemento central na experiência analítica, explicaria os problemas enfrentados pela psicanálise já citados anteriormente, quais sejam: as mudanças acerca do objeto e da técnica psicanalítica, o crítico abandono de teses centrais Freudianas, pulsão de morte na interpretação de vertente inglesa da psicanálise ou da etimologia sexual das neuroses, para recapitular alguns. Para o autor, essas mudanças eram uma espécie de apagamento dos fundamentos da psicanálise. O caminho para retomá-los seriam portanto o retorno a Freud, mas, como quisemos demonstrar aqui, esse retorno seria um retorno aos

fundamentos da fala enquanto elemento central para a psicanálise. Esse foi todo o esforço feito nesta sessão: demonstrar a centralidade da *fala* como problema central para o texto de FC.

Contudo, no plano maior desta dissertação, queremos também demonstrar como a preocupação com a fala não se inaugura neste momento da obra lacaniana, mas vem desde muito antes da redação de FC. Para tal, na sessão seguinte retomaremos os textos presentes nos *scripta* cronologicamente anteriores ao referido texto em que o problema da fala aparece como problema central a ser enfrentado pela psicanálise.

1.2 Um retorno em Lacan: como os problemas referentes à fala aparecem desde o início do percurso lacaniano

Até o determinado momento, demonstramos que a fala é central para FC e justificamos tal argumento na seção anterior, entretanto para demonstrarmos a incidência e centralidade da *fala*, tanto pela via problemática de sua exposição quanto em nome de seu esclarecimento, nos anos que precedem a publicação de FC em 1953, será uma elaboração que cabe a esta nova parte do texto. Sendo assim, o esforço desse trecho da argumentação cabe em apresentar as dificuldades técnicas e teóricas que Lacan enfrentava, e que ficam evidentes, em publicações anteriores a essa. Iniciaremos este percurso tomando como primeiro objeto de análise o texto *Para além do princípio de realidade* de 1936. Neste artigo, publicado originalmente em *Évolution Psychiatrique*, em um número especial de estudos freudianos, vemos a tentativa de Lacan em apreender de forma objetiva o fenômeno psíquico. A problemática referente à natureza da realidade psíquica é apresentado por Lacan como o problema fundamental para este texto e, para o qual, suas formulações a respeito da imagem serão sua aposta investigativa. Neste movimento do texto, o associacionismo será apresentado como caso exemplar do que o psicanalista pretende criticar e combater com suas formulações a certa da realidade psíquica.

Para além de apresentar este debate, este texto nos parece particularmente interessante e útil uma vez que este artigo, segundo Simanke (2002):

apresenta uma dupla novidade: empenha-se numa reflexão epistemológica que se endereça à totalidade dos problemas cruciais do campo psicológico – ou, ao menos, àqueles que são percebidos como tais a partir das premissas estabelecidas anteriormente – e toma, pela primeira vez, a psicanálise como uma referência central, em torno da qual deve girar o trabalho de saneamento de uma psicologia científica (p. 187)

Portanto, como veremos, existe já nesse texto uma disputa tanto epistemológica quanto técnica contra os efeitos que as influências da tradição empirista tinham para o problema do conhecimento no campo da psicologia:

o vício teórico do associacionismo teria sido filiar-se a toda uma tradição empirista para dar conta desse problema central para qualquer psicologia, ao menos do ponto de vista lacaniano. Ao colocar as funções do intelecto na dependência dos dados dos sentidos, essa escola “reduz a ação do real ao ponto de contato da mítica *sensação pura*”. O real não pode passar, aí, do “ponto cego do conhecimento”, que se constrói a partir do jogo associativo constituinte das representações complexas, o qual transcorre integralmente do lado de cá do paralelo psicofísico. (SIMANKE, 2002, p.195)

A psicanálise entra em cena como sendo capaz de fornecer os caminhos para a superação desses embates, mas não isenta de críticas. Isto é, a psicanálise é assimilada, mas não sem sofrer modificações. Neste sentido, que Simanke (2002) afirma que:

“Ir “além do princípio de realidade”, como Lacan pretende nesse texto, significa, portanto, ultrapassar o que resta de realismo ingênuo – e, em certo sentido, normativo – na doutrina freudiana, ressaltando a relatividade subjetiva, mas concreta, instaurada pelo conceito de realidade psíquica na apreensão dos fatos psicológicos – realidade que, lembremos, é definida na *Traumdeutung* como a realidade do *desejo*. Ao contrário, o passado metafísico cronicamente reeditado na história da psicologia leva à busca de uma garantia de verdade para o conhecimento; o que quer dizer, exatamente, desconhecer seu caráter relativo, tendo em vista a relatividade do próprio real ao qual se aplica, o apelo aos avanços mais recentes da física teórica servindo para insinuar que não é só a realidade psíquica que é relativa.” (SIMANKE, 2002, p.192, *grifos do autor*)

Para Simanke (2002), a assimilação da psicanálise serve, em alguma medida, para romper com essa tradição epistemológica que influenciou as psicologias nomeadas por ele de clássicas. Para tal, recuperar o valor da realidade psíquica para a investigação científica era determinante, uma vez que excluía a necessidade de um referente externo, fosse ele biológico, físico ou de qualquer outra ordem. Essa necessidade havia imposto aos psiquiatras e psicólogos uma busca obstinada por uma verdade de pretensões totalizantes que derivava seu valor por algum substrato de real que fosse “externo” ao sujeito. Por essa exigência tanto a realidade psíquica, por ser entendida como ilusória, quanto a fala do paciente, principal via de acesso à primeira, sofriam de um certo ofuscamento e desprestígio

Mas a ideia de um “para além do princípio da realidade” também se relaciona diretamente ao conceito de fala plena, isto é, da *fala num espaço em que se suspendeu qualquer preocupação com o “teste de realidade”*. Simanke (2002) enfatiza o avanço teórico e crítico do texto, já associando seu conteúdo ao projeto do primeiro “classicismo lacaniano” (MILNER, 1996), mas nos parece que, à luz do problema da fala na experiência clínica, não se trata para Lacan tanto - ou pelo menos, apenas - do “aparato psíquico” enquanto conceito da teoria analítica, mas antes do próprio fundamento técnico e concreto da psicanálise. Razão pela qual o texto discorre com detalhes sobre a experiência do clínico, do analisando e sobre a regra fundamental da associação livre.

Detenhamo-nos por um momento em alguns pontos da argumentação de Lacan que são chave para compreendermos como ele faz esse encadeamento de consequências:

Com efeito, a partir do momento em que os fenômenos se definem em função de sua *verdade*, eles ficam submetidos, em sua própria concepção, a uma classificação de valor. Tal hierarquia não apenas vicia, como vimos, o estudo objetivo dos fenômenos, no que tange a sua importância no próprio conhecimento, como também, subordinando à sua perspectiva todo o dado psíquico, falseia a análise e lhe empobrece o sentido. (LACAN 1936/1998, p. 81, *grifos do autor*)

Pode-se ver que atribuir um valor diferente aos fenômenos psíquicos baseados em seu grau de verdade, definida por sua possibilidade de verificação, subordinará a esse valor, que lhe é conferido não pelo paciente, mas pelo médico, toda a análise desse material. Essa busca por parte do médico do resquício de verdade presente no discurso do paciente lhe impõe o lugar de quem escolhe o que é verdadeiro e o que não é, ou seja, o que é passível de análise e o que pode ser descartado, desconsiderado.

O debate epistemológico, portanto, segundo Simanke (2002), era determinante para os objetivos que Lacan (1936/1986) havia traçado. Para tal, passa, então, a denunciar que essa busca por uma verdade totalizante é um caminho que a ciência só pode percorrer parcialmente, isto é, que essa paixão pela verdade, em última análise, não cabe à ciência:

Mas a verdade, em seu valor específico, é alheia à ordem da ciência: a ciência pode honrar-se de suas alianças com a verdade, pode propor-se como objeto seu fenômeno e seu valor; mas não pode de maneira alguma identificá-la como seu fim próprio. (p. 83)

Para avançar no campo da prática e retomar o método psicanalítico tanto como método investigativo como de tratamento o debate epistemológico era necessário. O caminho que Lacan escolhe para tal é do se fazer valer dos últimos avanços realizados pelo campo da física-matemática, qual seja, a relatividade. É isso que nos diz Simanke (2002) no último trecho da citação anterior. Vejamos:

Ao contrário, o passado metafísico cronicamente reeditado na história da psicologia leva à busca de uma garantia de verdade para o conhecimento; o que quer dizer, exatamente, *desconhecer seu caráter relativo*, tendo em vista a relatividade do próprio real ao qual se aplica, o apelo aos avanços mais recentes da física teórica servindo para insinuar que não é só a realidade psíquica que é relativa. (SIMANKE, 2002, p.192)

É tendo isto em mente que se pode compreender, por exemplo, quando Lacan (1936/1998) diz que aos físicos-matemáticos pouco importa o estatuto de verdade de um fenômeno como o

arco-íris. Perguntar se ele é ou não verdadeiro não é a questão que motiva sua investigação.

Em suas palavras:

Importa-lhe apenas que esse fenômeno seja comunicável em alguma linguagem (condição da *ordem mental*), registrável de alguma forma (condição da *ordem experimental*) e que consiga inserir-se na cadeia das identificações simbólicas onde sua ciência unifica a diversidade de seu objeto próprio (condição da *ordem racional*) (LACAN 1936/1998, p. 83 *grifos do autor*)

É também nesta mesma chave que se pode compreender quando ele diz que essa tradição científica por ignora o quanto a verdade é “*relativa às muralhas de sua torre, mutila o que do real lhe é dado aprender*” (LACAN 1936/1998, p. 83, *grifos nossos*). Mutila porque ignora que só lhe aparece como verdadeiro aquilo que está em conformidade, que está adequado aos seus métodos, classificando como sem valor, como ilusório aquilo que escapa, que não se encaixa, ficando, assim, cego para o que de conhecimento poderia disto surgir:

Em suma, a verdade do conhecimento psicológico é relativa ao sujeito deste conhecimento, com o que Lacan consegue transformar a maior dor de cabeça das ciências ditas humanas – a coincidência entre o sujeito e o objeto da investigação – na sua principal virtude, que permite alinhá-la com o que há de mais *up to date* na ciência (SIMANKE, 2002. P. 200)

Neste ponto, novamente a psicanálise tem função decisiva: é aqui que ele irá localizar o que chama de “revolução do método freudiano”, isto é, ele conferirá à Freud os méritos de desenvolver um método que se submete ao real e não adequa o real a seus pré-conceitos. É também onde nos reaproximamos, depois deste necessário desvio por uma discussão metapsicologia, da questão da centralidade da fala nos problemas que enfrentava à época.

O primeiro sinal dessa atitude de submissão ao real em Freud foi reconhecer que, dado que a maioria dos fenômenos psíquicos no homem relaciona-se, aparentemente, com uma função de relação social, não há por que excluir a via que, por isso mesmo, abre-lhe o acesso mais comum: a saber, o *testemunho do próprio sujeito* desses fenômenos. (LACAN 1936/1998, p. 84, *grifos nosso*)

Portanto, há, para Lacan (*ibid.*), por parte de Freud uma submissão ao real, como já dito, e uma recuperação do valor para a análise dos fenômenos psíquicos e, junto disso, a recuperação do valor da fala como sendo a via mais comum de acesso a esse material. Isto tem como consequência uma mudança de postura diante do fenômeno psíquico e da fala que o revela àquele que ouve, uma vez que não caberia mais ao médico determinar o valor de verdade de um testemunho:

Freud compreendeu que era essa própria escolha que tornava sem valor o depoimento do doente. Se quisermos reconhecer uma realidade característica das reações psíquicas, não convém começarmos por escolher entre elas: é preciso *começar por não escolher*. Para aquilatar sua eficiência, há que respeitar sua sucessão. Decerto não se trata de restituir-lhes a cadeia através do relato, mas o momento mesmo do depoimento pode constituir um fragmento significativo delas, desde que se exija a íntegra de seu texto e que se *o liberte dos grilhões do relato*. (LACAN 1936/1998, p. 85)

É neste sentido que dissemos anteriormente que Lacan apontava um problema epistemológico que tinha uma consequência para prática; essa própria escolha do que é verdadeiro e do que pode ser descartado implica em um problema técnico que é motivado por essa opção epistemológica que define o valor maior ou menor de verdade de um depoimento. Lacan (1936/1998) prossegue no desenvolvimento argumentativo da importância metodológica para a psicanálise dessa não-escolha. No parágrafo seguinte ao supracitado continua assim:

Assim se constitui o que podemos chamar *experiência analítica*: sua primeira condição formula-se numa *lei de não-omissão*, que promove ao nível do interesse, reservado ao notável, tudo aquilo que "se compreende por si", o cotidiano e o comum; mas ela é incompleta sem a segunda, ou *lei de não-sistematização*, que, postulando a incoerência como condição da experiência, atribui uma presunção de significação a qualquer rebotinho da vida mental, ou seja, não apenas às representações das quais a psicologia de escola vê apenas o absurdo - roteiro do sonho, pressentimentos, fantasias do devaneio, delírios confusos ou lúcidos -, mas também aos fenômenos que, por serem totalmente negativos, não tem, por assim dizer, estado civil: lapsos de linguagem e lapsos da ação. Observe-se que essas duas leis, ou melhor, regras da experiência, a primeira das quais foi isolada por Pichon,

aparecem em Freud em uma só, que ele formulou, segundo o conceito então reinante, como *lei da associação livre*. (p. 85, grifos do autor)

Ou seja, a experiência analítica em si é constituída por essa não-escolha, formulada nos termos de sua regra fundamental: a associação livre. Dessa forma, percebe-se que o problema que Lacan enfrenta neste texto não diz apenas do desprestígio que a realidade psíquica tinha à época, sendo tomada como esse fenômeno ilusório e sem valor, mas também da centralidade da fala para a experiência analítica como sendo a principal via de acesso ao material psíquico. Além disso, já aqui parece haver uma primeira tentativa de pensar que fala é essa que constitui a experiência analítica, uma vez que não é qualquer fala, mas uma fala guiada pela regra fundamental da associação livre, liberta dos grilhões do relato. Isto é, uma fala que se tome como significativa em si mesma, que assume forçadamente na inter-relação, instaurada pela própria situação analítica, seu sentido como independe de um substrato externo de realidade.

Além disto, mesmo evidenciada a importância de confiar no movimento do discurso que se dá em análise é preciso ainda se questionar sobre o estatuto dessa fala, ou mesmo de que forma ela tem que ser tomada na experiência. É nesse questionamento que as questões referentes à linguagem começam a figurar no campo de interesse de Lacan. Vejamos novamente um trecho de 1936:

O dado dessa experiência é, primeiramente, a linguagem, uma linguagem, isto é, um signo. Quão complexo é o problema do que ela significa, quando o psicólogo a relaciona com o sujeito do conhecimento, isto é, com o pensamento do sujeito. Que relação há entre este e a linguagem? Não é ele apenas uma linguagem, porém secreta, ou não é ela apenas a expressão de um pensamento puro, não formulado? Onde encontrar o denominador comum aos dois termos desse problema, isto é, a unidade da qual a linguagem é o signo? Estará contido na palavra: o substantivo, o verbo ou talvez o advérbio? Na densidade de sua história? Por que não nos mecanismos que a compõem foneticamente? Como escolher, nesse dédalo para onde nos arrastam filósofos e linguistas, psicofísicos e fisiologistas? Como escolher uma referência que, à medida que a dizemos mais elementar, parece-nos mais mítica? (LACAN 1936/1998, p. 86)

Tais questionamentos abrem espaço para fortalecer o traço de relatividade, que como ressaltado anteriormente, era tão decisivo para a teoria lacaniana neste momento. A relativização de uma variável significa a sua inclusão no sistema de coordenadas em observação: a impossibilidade de aceitar uma referência fixa para o sentido - um “teste de realidade” - é justamente o que informa o conceito de fala na experiência clínica, uma vez que leva o analista a continuar escutando para que seja possível acompanhar o movimento de significação de uma fala por ela mesma.

É, portanto, tentando se aproximar desse ideal importado da física que Lacan (1936/1998), questiona no trecho citado acima: “Onde encontrar o denominador comum aos dois termos desse problema [o que a linguagem significa e sua relação com sujeito do conhecimento], isto é, a unidade da qual a linguagem é o signo?” (Ibid.). Ainda mais quando o mais próximo que encontrarmos no texto de uma definição do que seria essa relatividade se encontra assim: Essa *falta de uma referência fixa no sistema observado* e esse uso, para a observação, *do próprio movimento subjetivo*, que em todos os outros lugares é eliminado como fonte de erro, são desafios, ao que parece, ao método sadio. (p.89; *grifos nossos*).

Portanto, tendo em consideração essas elucubrações podemos apontar para o fato que de é justamente a falta de uma referência fixa do sentido que faz com que esse referente só possa surgir encontrado no próprio movimento subjetivo de significação que só é acessível via fala do paciente, e que só pode ser apreendido no movimento de escuta dessa fala por um interlocutor, neste caso, o analista. É nesta chave que podemos entender a continuidade do trecho acima citado em que Lacan coloca o psicanalista na função de um interlocutor e a linguagem como significando algo para alguém antes de significar alguma coisa:

Mas o psicanalista, por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém. Pelo

simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele, e, já que ele impõe a seu discurso não querer dizer nada, resta o que esse homem quer lhe dizer. O que ele diz, com efeito, pode "não ter nenhum sentido", mas o que ele lhe diz contém um sentido. É no movimento de responder que o ouvinte o sente; e suspendendo esse movimento que ele compreende o sentido do discurso. (LACAN 1936/1998, p. 86)

Em outro trecho mais adiante no mesmo texto, Lacan reafirma esse lugar que o psicanalista ocupa na experiência:

Mas prossigamos na decomposição da experiência. O ouvinte entra nela, portanto, na situação de interlocutor. Esse papel, o sujeito lhe solicita que o sustente, a princípio implicitamente, e logo de maneira explícita. Silencioso, porém, e furtando-se até mesmo as reações de seu rosto, além de pouco discernido em sua pessoa, o psicanalista recusa-se pacientemente a isso. Não haverá um limite em que essa atitude deva fazer cessar o monólogo? Se o sujeito prossegue nele, e em virtude da lei da experiência; mas, acaso continua ele a se dirigir ao ouvinte realmente presente, ou antes, agora, a algum outro, imaginário porém mais real: ao fantasma da lembrança, a testemunha da solidão, a estátua do dever, ao mensageiro do destino? (LACAN 1936/1998, p. 87)

O analista, portanto, assume essa função de um interlocutor silencioso, função essa fundamental para que no encadeamento do discurso o sujeito revele a que outro, imaginário, sua fala se dirige. O que se quer apontar aqui, é que para dar sustentação na teoria ao aspecto de relatividade, que Lacan buscava enaltecer como um dos pontos fortes e não fraquezas do problema do conhecimento nas ciências humanas, sem cair pra um idealismo radical (Simanke, p.200), a teoria do imaginário cumpria um papel fundamental. Neste trecho, Simanke (2002) é cristalino a esse respeito:

Com o analista colocado, por enquanto, mais numa função de *interlocutor* do que numa função de *ouvinte*, fica claro por que, nesse momento, uma teoria da clínica deve ser, para Lacan, obrigatoriamente, uma teoria do imaginário. Só esta vai permitir-lhe dar conta do fato peculiar de que o sujeito não fala ao seu interlocutor presente – que tem, aliás, o péssimo hábito de não responder -, mas sim que seja levado, por essa recusa mesma, a denunciar o outro imaginário que se perfila por detrás, essa *imagem* que o analista substitui e que, embora formação imaginária, é, a seu modo, mais real do que a situação presente, já que faz parte daquele conjunto de identificações que formam a própria subjetividade (p.204; grifos do autor)

O que esta análise nos permite dizer é que Lacan ao ter como um dos objetivos recuperar a importância da fala como algo central para a psicanálise toca em diferentes níveis da situação. Ora em um debate epistemológico sobre a validade dela enquanto material útil para o avanço da disciplina, na sua relação com pensamento e com o sujeito do conhecimento, bem como questionamentos sobre sua natureza ambivalente e o movimento dialético pelo qual se extrai sua significação e se faz presente essas vacilações do sentido. E ora algo mais próximo de suas consequências clínicas, questionando sobre o estatuto dessa fala, ou de que maneira a fala tem que ser ouvida como desprovida de um referente fixo, que só se revela no próprio movimento subjetivo do discurso, e mesmo sobre a postura do analista frente ao discurso do paciente. Uma descrição da técnica ou do manejo analítico raro de se ver na obra lacaniana, mas que aparenta ser mais frequente neste início de seu percurso e que vai progressivamente desaparecendo.

Vejamos essa passagem:

Ele [analista] opera em dois registros, o da elucidação intelectual, pela interpretação, e o da manobra afetiva, pela transferência; mas, fixar os tempos delas é uma questão de técnica, que as define em função das reações do sujeito; ajustar sua velocidade é uma questão de *tato*, pelo qual o analista é alertado sobre o ritmo dessas reações. (LACAN 1936/1998, p. 88)

Pegando esse gancho referente às reações do sujeito de que fala Lacan no trecho acima, passamos para a análise de outro texto intitulado a Agressividade em psicanálise de 1948, 12 anos depois portanto. Lacan aqui novamente se refere a experiência analítica como sendo marcada tanto pela comunicação verbal como pela ambiguidade do sentido que nela se revela: “Podemos dizer que a ação psicanalítica se desenvolve na e pela comunicação verbal, isto é, numa apreensão dialética do sentido” (LACAN, 1948/1998, p. 105). Também nesse texto o debate com o campo da ciência se faz presente com o mesmo intuito de garantir ao discurso do paciente, justamente por seu aspecto de subjetividade que esse implica, um caminho valioso à

construção do conhecimento no qual a psicanálise entre não apenas como método de tratamento, mas também como um método investigativo.

Neste sentido, é possível traçar uma linha de continuidade no tocante as questões referentes à fala e aos problemas para a teoria do conhecimento que ela provoca nos dois textos, uma vez que aqui novamente Lacan (1948/1998) afirma que diferente do caso dessas outras tradições científicas nas quais se busca eliminar todo o resquício de subjetividade, uma vez que este é tratado como fonte de erro na objetivação dos dados da experiência, a psicanálise não tem essa pretensão de eliminar a subjetividade presente na comunicação. Para ele o caminho é justamente o contrário, é preciso apostar nos momentos de incerteza ou de vacilação do sentido que toda essa carga subjetiva implica. Construindo um espaço em que essas vacilações possam ser avaliadas a partir da realidade da própria fala, numa relativização que torna seu sentido intrínseco ao encadeamento imanente da fala. Colocar sob suspeita esses momentos seria tomar como problemático justamente o que é a inovação do método psicanalítico:

Essa subjetividade não nos pode ser objetada como devendo ser obsoleta, conforme o ideal a que satisfaz a física, que a elimina através do aparelho registrador, sem no entanto poder evitar a sua suspeita ao erro pessoal na leitura do resultado.

Somente um sujeito pode compreender um sentido; inversamente, todo fenômeno de sentido implica um sujeito. Na análise um sujeito se dá como podendo ser compreendido, e de fato o é: a introspecção e a intuição pretensamente projetiva não constituem, aqui, os vícios de princípios que uma psicologia, em seus primeiros passos no caminho da ciência, considerou irredutíveis. Isso equivaleria a transformar em impasse momentos abstratamente isolados do diálogo, quando é preciso fiar-se em seu movimento: foi mérito de Freud ter assumido os riscos deles, antes de dominá-los através de uma técnica rigorosa.” (LACAN, 1948/1998, p. 105; *grifos nossos*)

Ressaltar, portanto, essa característica da imprecisão, da vacilação do sentido presente na comunicação verbal como sendo valorosa e até mesmo constitutiva da experiência analítica

não é só recuperar seu prestígio como material válido à investigação, como também aponta pra centralidade dessa questão para a psicanálise.

Em alguns momentos, apontar a centralidade da fala e da comunicação verbal na experiência analítica parece ser apontar o óbvio. Afinal, em que moldes se daria uma sessão de análise se não através da comunicação verbal entre as partes envolvidas? No entanto, a experiência não atesta à “pureza” da fala na clínica: ainda que constrangida pelo setting, o paciente chega à clínica às vezes com um grande afetação corporal, ou mesmo com a necessidade de fundamentar seu relato numa sequência factual, e portanto é justamente contra o pressuposto ideológico de que o analisando se oferece imediatamente à análise - pressuposto ideológico este que fundamenta muitas vezes uma psicologia empirista - que se torna necessário para Lacan teorizar a constituição de um espaço em que a fala ganha presença e em que o silêncio do analista adquire a função de autorizar um encadeamento em que o sentido esteja em jogo.

Além disto, a importância da fala parecia ter caído em um certo ostracismo e ofuscada por outras formas de acesso ao material analítico – ponto que retorna com bastante força na argumentação inicial do texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Por isso essa retomada dos textos anteriores a 1953 são fundamentais para nosso objetivo nesse momento do texto, qual seja, o de evidenciar justamente como esse problema aparece desde muito cedo no percurso de Lacan e com relativo destaque. Não tanto como o problema central, é verdade, e sim associado a outras questões e debates que temos aqui destacado e que pareciam se impor com maior evidência. Mas, ainda assim essa questão já estava presente.

Desse modo, além de se impor como um problema para a teoria psicanalítica na sua intersecção com o campo da ciência, existem desafios referentes à técnica analítica que também são provocados por essa retomada. Para que da fala em análise possa se depreender um

referente subjetivo ou que se revele o outro imaginário ao qual se dirige aquele discurso, exige-se do analista uma determinada postura ou, por que não, um trabalho que possibilite esse efeito. Como já anunciava Lacan em 1936 essa postura, silenciosa, do analista tem como consequências algumas reações que incidem diretamente sobre a técnica, que naquele momento Lacan se restringiu a dizer que essa modulação técnica dependia de uma questão de “tato” do analista. (LACAN, 1936/1998. p. 88).

É interessante observar como Lacan neste momento estava preocupado em circunscrever um objeto para o método, investigativo e terapêutico, psicanalítico, mas ainda sem bem compreender quais eram as leis gerais que o determinavam. Esses problemas, no entanto, aparecem de forma mais refinada no texto “Agressividade em psicanálise”, e que, como veremos na sessão seguinte, desemboca como um objetivo central do texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.

No entanto, é importante não nos anteciparmos no movimento da argumentação que aqui estamos construindo. Retomando o texto sobre a agressividade, observemos que ele tem como objetivo maior fazer da noção de agressividade na clínica um conceito potencialmente científico, justamente por des-psicologizá-la, tratando-a, ao invés, como uma produção artificial da própria análise: “Resta-me a tarefa de provar perante os senhores se é possível formar dela [agressividade] um conceito tal que ela possa aspirar a um uso científico, isto é, apropriado a objetivar fatos de uma ordem comparável na realidade” (LACAN, 1948/1998, p.104).

Nesta tentativa, o autor irá dividir sua argumentação no texto em cinco teses que apresenta uma por uma seguido por uma demonstração dessas teses . A tese III do texto é que incide diretamente sobre os problemas que estávamos nos referindo quando fala das questões

da técnica e do tato do analista. Assim afirma o psicanalista: “Os impulsos de agressividade decidem sobre as razões que motivam a técnica analítica.” (LACAN, 1948/1998, p. 109)

Lacan (Ibid.) inicia este trecho contrariando Sócrates, para quem, segundo ele, o diálogo representaria a possibilidade do triunfo da razão, através do qual se renunciaria aos impulsos agressivos. Para ele, contudo, o diálogo frequentemente fracassa em ser essa via, e a psicanálise é um caso particular desse fracasso. Reações agressivas por parte do paciente devem ser esperadas por parte do analista, são efeitos da própria situação analítica e da postura que ele indica como sendo a função do psicanalista frente ao discurso do paciente. Uma atitude que “ofereça ao sujeito o espelho puro de uma superfície sem acidentes” (LACAN, 1948/1998, p. 112), uma que só assim se tem lugar para que possam se revelar as identificações imaginárias do paciente. Para tal, novamente aqui a postura do analista aparece como aquela de um interlocutor silencioso, sua função, portanto é:

A de oferecer ao diálogo um personagem tão desprovido quanto possível de características individuais; nós nos apagamos, saímos do campo em que possam ser percebidos o interesse, a simpatia e a reação buscados por aquele que fala no rosto do interlocutor; evitamos qualquer manifestação de nossos gostos pessoais, escondemos o que pode traí-los, nos despersonalizamos e tendemos, para esse fim, a representar para o outro um ideal de impassibilidade (LACAN, 1948/1998, p. 109)

Os efeitos dessa postura na forma de uma agressividade direcionada ao analista, não são apenas consequências esperadas da comunicação verbal em análise, mas também efeitos necessários, uma vez que são nessas reações do paciente que, neste momento da teoria lacaniana, se efetiva o estabelecimento da transferência, possibilitando o enlace de uma questão analítica: “Devemos, no entanto, pôr em jogo a agressividade do sujeito a nosso respeito, já que essas intenções, como sabemos, compõe a transferência negativa que é o nó inaugural do drama analítico.” (LACAN, 1948/1998, p. 110)

É interessante marcarmos que é perceptível que a postura aqui indicada por Lacan é muito semelhante àquela sinalizada por ele no texto de 1936 e com o mesmo objetivo de fazer revelar a que outro imaginário aquele discurso se dirige. Os problemas parecem ser semelhantes, mas recebem um tratamento diferente, isto é, Lacan parece conseguir localizar e circunscrever melhor quais são esses desafios e quais são suas funções tanto no método terapêutico como investigativo da psicanálise.

Isto é, a situação analítica quando recolocada como sendo fundamentalmente uma comunicação verbal que tem a fala do paciente como seu objeto, naquilo que ela significa em si mesma, não condicionada a um referente fixo externo, mas entregue a suas vacilações de sentido e ao próprio movimento subjetivo que a conduz, leva a psicanálise a outros problemas. Para que esse tipo de fala ou de relação com a linguagem seja possível na situação analítica, se exige do analista que opere nesta função de um interlocutor silencioso, postura que desperta no paciente uma série de reações agressivas, às quais aqui aparecem como “saudáveis” a boa condução de uma análise.

É interessante notar que, assim, a concepção da experiência analítica como um forçamento da suspensão do “teste de realidade” não apenas constitui a fala como uma fala potencialmente “plena”, isto é, uma fala que é artificialmente levada a incluir o drama de seu próprio sentido dentro da experiência clínica, como também constitui uma série de efeitos da ordem do afeto e da libido. Ou seja, há uma continuidade das questões e dos problemas que vão sofrendo tratamentos diferentes conforme o momento da teoria, que é capaz de abarcar não apenas uma teoria da linguagem - da relatividade do sentido ao encadeamento do discurso concreto do paciente – mas também uma teoria do afeto sob a transferência.

Na continuidade do argumento, o que eram reações do paciente frente as quais o analista precisava de tato para dosar sua atuação em 1936, são retomadas neste texto de 1948 sob o

esforço de fazer delas um conceito que se efetive tanto como potencialmente científico como quanto um operador clínico: (...) é a reação hostil que guia nossa prudência, e que já inspira a Freud sua cautela contra qualquer tentação de bancar o profeta” (LACAN, 1948/1998, p. 110).

Para além do valor didático de tais generosas explicações de Lacan, o que nos é interessante marcar aqui é novamente como esse problema reaparece posteriormente no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, questões que serão abordadas no nosso próximo capítulo corroborando para nossa argumentação de que o texto para além de marcar um ponto de virada ou de início de um percurso lacaniano, também marca o ponto de chegada de problemas que vinha se amadurecendo há anos.

Para que tal movimento possa ser feito, realizamos no presente capítulo uma análise dos textos lacanianos que precedem o ano de 1953 nos quais ele aborda de forma direta a situação analítica. Quisemos aqui apresentar as principais dificuldades enfrentadas pelo psicanalista francês na construção de uma teoria que sustentasse a prática da psicanálise. Ficando como tarefa para o próximo capítulo demonstrar a persistência dessas questões apesar das inovações teóricas que Lacan apresentará nas suas duas comunicações no ano de 1953 que analisaremos.

2. 1953, o ano que não acabou

O ano de 1953 é marcadamente um ano repleto de acontecimentos na história do percurso lacaniano. Acontecimentos tanto no campo do político, como já trabalhado anteriormente nesta dissertação, quanto no campo do seu ensino e prática psicanalítica. É, como sabido, o ano do famoso Discurso de Roma do qual temos o seu relatório, mais conhecido como *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*.

No presente capítulo temos como objetivo principal apresentar como os problemas que Lacan vinha enfrentado, e que foram trabalhados no capítulo anterior, insistem em se fazer presentes nesse momento do seu ensino, ainda que sob uma nova roupagem, ou melhor dizendo, sob um novo tratamento epistemológico, no qual entra aqui o famoso encontro com a linguística estrutural. Ou seja, queremos demonstrar o que temos anunciando ao longo desta dissertação: o ano de 1953 não apresenta uma ruptura absoluta, uma inauguração axiomática de um ensino genuinamente lacaniano. O que temos é uma nova forma de pensar, organizar e formalizar problemas que há muito assombravam a psicanálise.

Para tal, trabalharemos nas páginas que a seguir, principalmente dois textos: *Simbólico, imaginário e real* e *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* ambos datados de 1953. A junção da análise desses dois textos em um mesmo capítulo tem suas razões de ser para além de serem datados do mesmo ano. Na verdade, o que, para nós, unifica sua possibilidade de análise é que tanto um quanto o outro cumpre, de formas e profundidades diferentes, a mesma função, qual seja: de um lado fazem um apanhado das dificuldades e soluções encontradas até então e de outro o anúncio de como estas questões serão tratadas doravante no ensino da psicanálise. Sem nos alongarmos muito nesse pontos, daremos continuidade no nosso texto analisando primeiro o *Simbólico, imaginário e real*.

2.1 Simbólico, Imaginário e Real

Na continuidade do trabalho que estamos desenvolvendo, chegamos a um dos textos mais próximos do mesmo: O Simbólico, o Imaginário e o Real. Este texto é na verdade uma conferência realizada por Lacan em 8 de junho de 1953 aos psicanalistas da *Société française de psychanalyse* na qual ele procura antecipar algumas questões que vão estar no seu relatório para o congresso de Roma. Este relatório, como bem sabemos, é o próprio texto FC.

É patente no texto o esforço do autor de pensar toda a clínica psicanalítica a partir dos três registros com especial destaque para o registro Simbólico enquanto campo privilegiado na situação analítica. Tal mudança não é sem consequência tanto para a teoria quanto para a prática clínica e esse momento marca uma transição importante na forma que Lacan irá pensar os fundamentos da clínica – tais como a transferência, a fala, a interpretação e mesmo os sintomas. Contudo, essa transição, é o ponto mais debatido e trabalhado desse texto pelos lacanianos, e é também a forma que o autor escolhido aqui como comentador deste trabalho, Simanke (2002) irá lê-lo.

No entanto, para esta pesquisa, é de maior interesse que nos aproximemos desse momento não pela transição que ele marca e sim por seu esforço de formalizar de uma forma diferente problemas antigos. Ele não indica o encerramento de uma investigação e o anúncio de um novo projeto de Lacan, no qual se dá como respondidas as questões anteriores e se elege novos objetos de pesquisa, ao contrário, ele marca uma nova tentativa de abordar problemas antigos.

Como já ressaltamos anteriormente nesse mesmo texto, Lacan mesmo faz esse alerta a seus ouvintes logo no início de sua comunicação, reconhecendo que o título é em si ambicioso e pede: “que considerem esta comunicação ao mesmo tempo um resumo de pontos de vista que

aqueles que são meus alunos aqui conhecem bem, com os quais já estão familiarizados há dois anos por intermédio do meu ensino, e também como um espécie de prefácio ou introdução a certa orientação de estudo da psicanálise” (LACAN, 1953/2005 p.11)

Portanto, o texto busca também fazer uma intermediação entre o que veio antes e a orientação do que virá a seguir. Isto é, de um lado, sintetizar os problemas até então enfrentados e, de outro, indicar o tratamento futuro que eles terão, qual seja, o famoso retorno à Freud, mas agora munido das bases da linguística estrutural.

A partir disso é possível, de saída, levantar a hipótese de que esse é um texto intermediário entre duas maneiras distintas, mas não disruptivas de pensar a psicanálise. Há uma continuidade dos problemas já enfrentados, como o estatuto da fala, a natureza da realidade psíquica, só para citar dois, com a diferença de que Lacan tenta localizá-los e sistematizá-los a partir dos três registros.

Bem é possível dizer que a retomada das questões apresentadas no texto estão muito além dos problemas enfrentados nos últimos dois anos, como pontua o autor. Munidos novamente do trabalho sobre metapsicologia lacaniana de Simanke (2002), observemos como o autor destaca que esta comunicação remete também a problemas que já apreciam no início do pensamento lacaniano:

Esse trabalho apresenta-se, portanto, como um preâmbulo a toda psicanálise lacaniana futura, condição que se verifica cabalmente em seu andamento. Mas trata-se também, de modo igualmente explícito, de uma retomada de temas que *datam dos primórdios* do pensamento lacaniano e, portanto, de um momento em que seu projeto tinha, como vimos, muito pouco de psicanalítico (SIMANKE, 2002 p. 493 *grifos nossos*)

Faz-se necessário pontuarmos que, embora utilizaremos da leitura de Simanke sobre esse texto, nos distanciamos do autor no objetivo de nossa análise, uma vez que o mesmo, apesar de fazer a ressalva de que Lacan retoma problemas que datam dos primórdios de seu

ensino, não trabalha essa afirmação de forma direta. Sua análise estará muito mais preocupada em apresentar o que entende por ser um deslocamento operado por Lacan no que este irá considerar como o registro privilegiado do campo analítico. Isto é, uma transição que privilegia, a partir deste momento, o Simbólico em detrimento do Imaginário. Vejam bem, Simanke não se refere a um abandono do Imaginário, mas de uma mudança de enfoque que coloca o Simbólico como o centro das preocupações teóricas de Lacan.

Do nosso lado, contudo, nos interessa justamente apresentar a anterioridade dos problemas enfrentados por Lacan e como esse se esforça em um movimento de organizar e sistematizar em torno dos três registros. O que queremos destacar é que Lacan (1953/2005) está buscando fundamentar epistemologicamente a experiência de análise, e no início do texto coloca a questão:

Eis com efeito, a questão que incessantemente nos colocamos, e que se colocam todos aqueles que tentam fornecer uma teoria da experiência analítica. Em que consiste essa experiência singular entre todas, que vai produzir transformações tão profundas nesses sujeitos? O que são elas? Qual seu mecanismo? (p. 14)

Questão que como temos demonstrado se impõe desde de muito cedo em seu ensino e que recebe, quase sempre, a mesma resposta: a experiência analítica é uma experiência de fala. O próprio autor responde a isso logo em seguida no texto “essa experiência [analítica] que se passa inteiramente em palavras (...) falar já é introduzir-se no objeto da experiência analítica (...) o que é a fala, isto é, o símbolo?” (ibid. p. 15).

O que este momento do ensino lacaniano apresenta de novidade está descrito na citação acima, qual seja, colocar como equivalente fala e símbolo. Como já pontuado, é certo que essa inovação não é sem consequência, e tampouco é isso que estamos aqui defendendo, mas é um novo tratamento, a partir do simbólico, para uma questão antiga, como fundamentar epistemologicamente a fala em análise.

Como vimos anteriormente, até este momento a fala era considerada em sua dimensão imaginária, era neste sentido que o silêncio do analista, por exemplo, tinha como objetivo evidenciar denunciar a que outro imaginário [interlocutor imaginário] o analisando dirigia seu discurso, momento no qual a noção de intersubjetividade era fundamental.

Faz-se necessário, contudo, que façamos aqui um pequeno desvio de nosso objetivo maior com esta sessão para apresentar de maneira sucinta o argumento de Lacan nessa comunicação. O intuito disso é apenas apresentar ao leitor os principais pontos e argumentos utilizados por ele para justificar essa mudança na compreensão da experiência analítica, que impõe mudanças tanto técnicas como teóricas.

Justificamos a brevidade dessa apresentação justamente por este caminho já ter sido longa e detalhadamente destrinchado por outros psicanalistas. Sendo está uma interpretação bastante conhecida, já pontuada na introdução desta pesquisa, de que Lacan estava buscando neste momento de seu percurso, a partir do estruturalismo, fundar cientificamente a psicanálise. É o caso das leituras de Dor (1988a/b), Milner (2012), Miller (1988), Beividas (2001), Askofaré (2008). No preâmbulo mesmo da publicação desta comunicação de Lacan, escrito por Milller (2005), este afirma que:

“O simbólico, imaginário e real” precede imediatamente, durante o verão, a redação do relatório de Roma sobre “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que *marcava o ensino público do “ensino de Lacan”*, como diríamos mais tarde”. (p. 07, *grifos nossos*)

Uma escolha ou uma postura diante da obra lacaniana que é justamente a que estamos criticando nesta pesquisa. Desse modo, como tem sido o tom dessa dissertação, evitaremos as predições sobre os impactos futuros que essa mudança na forma de estruturar a psicanálise virão a ter e daremos especial atenção aos pontos em que marcam a continuidade de problemas

enfrentados por Lacan desde a década de 30, bem como uma atenção privilegiada às questões relacionadas à fala em análise, para só então retomarmos nossa discussão principal.

Para compreendermos um pouco desse texto iremos rapidamente retomar algo que trabalhamos de forma mais intensa no primeiro capítulo desta dissertação, na qual buscamos contextualizar o seu momento e o objetivo “político” deste texto. Contudo, para além disso, neste momento buscaremos percorrer os seus principais objetivos e argumentos voltados ao saber psicanalítico. Neste sentido, é válido lembrar onde e para quem Lacan falava tem sua relevância para a análise. Essa é uma comunicação realizada na SFP, recém fundada por Daniel Lagache e a qual ele acabava de integrar. Portanto, falava para analistas que também recém integravam o mesmo movimento, dos quais muitos já acompanhavam seu ensino ou eram seus analisandos.

Um outro ponto importante é que Lacan estava, não só neste momento, mas desde muito antes no seu percurso, preocupado em fornecer as bases, inicialmente para uma psicologia científica na qual a psicanálise teria um lugar privilegiado de revitalização do campo, contudo a psicologia é excluída desse projeto que passa a se focar no campo psicanalítico. Portanto, fundar as bases de uma psicanálise dita científica foi um esforço que acompanhou, durante este período, o percurso de Lacan. Nessa comunicação esse intuito não está negligenciado, é tanto que logo nas primeiras linhas se refere a sua fala como a primeira “dita científica da nova sociedade” (LACAN, 1953/2005, p. 11).

Primeiro, como ele mesmo admite, o título de sua fala é bastante ambicioso, isto é, a tentativa de delimitar nesses três registros (simbólico, imaginário e real) toda a experiência analítica é uma tarefa que será iniciada, mas não concluída nessa “primeira comunicação dita científica”.

Faz-se importante nos determos por um momento nessa questão para evitar uma leitura que proponha um movimento de mudança no protagonismo que tem cada registro em diferente momento do percurso de Lacan e que favorecem certas leituras de um Lacan do Imaginário, um Lacan do Simbólico e um Lacan do Real. Os três registros já nesse momento são imprescindíveis para a compreensão da realidade humana, como ele mesmo ressalta logo no início de sua fala:

“De modo que tentarei esta noite, muito simplesmente, dizer algumas palavras sobre o que significa a contração desses três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros *essenciais da realidade humana* e que se chamam simbólico, imaginário e real.” (LACAN, 1953/2005 p.12, *grifos nossos*)

A diferença de enfoque será no quanto cada registro deve ser integrado ou recusado para a construção de uma estratégia clínica, isto é para pensar a formalização do caso clínico – algo a que Lacan se arrisca a propor um modelo no final desta comunicação. Importante também lembrar que apreensão da realidade humana era um problema que acompanhava Lacan desde a tese e que ele encontra na psicanálise, em especial, como resultado de seu projeto de retorno à Freud:

Com efeito, creio que o retorno aos textos freudianos, que são objeto do meu ensino há dois anos, proporcionou-me, ou melhor, proporcionou a todos nós que trabalhamos em conjunto, a ideia cada vez mais clara de que não há apreensão mais completa da realidade humana que a feita pela experiência freudiana. (LACAN, 1953/2005 p.11)

Feita essa importante ressalva, voltemos a análise do estatuto de cada registro da forma que foram apresentados neste momento. De forma sucinta, o imaginário como dito, perde lugar para o valor simbólico das palavras, ao passo que o real, neste momento é tomado apenas como demarcação de um limite do conhecimento. Seguindo o texto, Lacan é questionado por Serge Leclair acerca do porquê o mesmo não realizou uma apreciação mais detida acerca do Real. E seu posicionamento é o de que o real foi pouco falado, mas que foi falado. Como ele explica:

“O real é ou a totalidade ou o instante esvanecido” (p.45), se apresentando, por exemplo, no silêncio do analista.

Iniciaremos na ordem inversa do apresentado na nomeação do texto, isto é, abordaremos primeiro o estatuto de Real, depois do Imaginário e por último do Simbólico Segundo Simanke (2002) neste momento, o real será incluído como limite da experiência analítica. Isto é, o Real precisa estar ao mesmo tempo incluído e recusado. Sua inclusão se dá, portanto, por uma negatividade que ele impõe ao conhecimento, por sua impossibilidade de ser apreendido, podendo ocupar, desse modo, unicamente o lugar que marca um limite da experiência. E é só assim que ele pode integrar o momento da análise dessa forma limítrofe, uma vez que sua inclusão como horizonte que guia a experiência analítica era o que motivava, para Lacan, - e isso aparece tanto nos textos para além quanto na introdução de FC, - que a psicanálise assumisse tendências adaptacionistas, cujo o maior representante seria a psicologia do Ego.

Para Simanke (2005) “O real nesse momento aparece como algo a ser evitado na construção da estratégia psicanalítica, tanto na teoria quanto na clínica, e a psicanálise, na prática, deve se restringir às relações entre o simbólico e o imaginário” (p. 496)

Podemos dizer que, em certa medida, o registro do Real conserva o mesmo estatuto que já tinha nos desenvolvimentos anteriores de Lacan. Se mantém, portanto, como aquilo que marca um limite para o conhecimento, ocupa um lugar de fronteira, algo que é ao mesmo tempo que já não é mais, aquela linha que está incluída ao mesmo tempo que está excluída de um “território” – tema que já foi largamente desenvolvido neste capítulo quando falamos do texto “para além do princípio de realidade” – sendo, inicialmente, substituído pelo imaginário e que agora passa, necessariamente, a ser complementado pelo simbólico.

Se o real é esse registro ambíguo, recusado como campo do analisável, mas incluído como o que marca o limite desse mesmo campo, resta então, como pontuado na citação acima,

os registros do simbólico e do imaginário como privilegiados na situação analítica. Resta saber de que maneira ou sob quais circunstâncias eles podem ser tomados como dados válidos de análise, isto é, do que depende ou quais são as condições necessárias para elevá-los ao estatuto de analisável.

Pela própria relação imbricada que os dois conservam entre si, buscaremos aqui discutí-los concomitantemente, marcando os pontos de distinção e separação e os momentos de “dependência”.

De certo modo, como estamos pontuando, Lacan nesse momento ainda se debate com os problemas que remetem ao início de seu percurso. Podemos ver aqui que tanto a realidade psíquica quanto os efeitos da fala se apresentam. Não apenas temos a fala enquanto via de acesso a essa realidade, mas também, os elementos de sua natureza de eficácia. Ou então, encontramos as operações, sua estruturação e seus efeitos. Ora, se o Real vai ser entendido como esse ponto limite, sua apreensão por parte do sujeito dependerá de uma apreensão tanto imaginária quanto simbólica. A partir de sua tese do conhecimento paranóico, o Real será apreendido imaginariamente pelo sujeito como uma alucinação que é tomada enquanto realidade, porém tal realidade é, em alguma medida, compartilhada, daí a entrada do simbólico. Também marcando a distinção conceitual crucial entre Real e realidade no pensamento de Lacan, que embora seja uma tese importante e ganhe relevo futuro, ela não será aprofundada pela presente dissertação.

Essa interação pode ser observada em momentos anteriores da obra lacaniana quando, no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu*, no qual Lacan apresenta a problemática do *Umwelt* e do *Innenwelt*. O *Umwelt* estaria alocado no registro do imaginário, sendo dependente do registro do Simbólico para que possa ser comunicado e compartilhado com outros seres. O que muda neste momento, é que o simbólico passa a ser predominante ao

imaginário, pois ele que de alguma forma determina, pela via da cultura, as possibilidades do Imaginário.

Além disto, o simbólico assumia uma função de extrema importância, uma vez que passa a ser a dimensão encarregada de definir de que forma se dava a eficácia dessa experiência, cujo o real estava excluído. Lévi-Strauss vem bem a calhar, uma vez que havia colocado no simbólico a eficácia tanto da experiência analítica quanto da xamanística⁹. A inclusão do simbólico na experiência analítica se dá pela *palavra*, uma vez que esta é tomada como um símbolo. Retomando um trecho citado acima, Lacan (1953/2005) pontua: “o que é a palavra? Isto é o Símbolo” (p. 11). Portanto, emparelhar a experiência analítica a uma experiência de fala, que se passa inteiramente com palavras, é fundamental nesse momento para justificar, técnica e epistemologicamente, sua eficácia. Bem como demonstrar que a análise, e os fenômenos dos quais ela se ocupa, tais como afetos, compulsões e automatismos, se passam de maneira que é possível uma formalização dessa experiência – rebatendo críticas de um “intuicionismo” presente na psicanálise.

Que Lacan estava em busca de encontrar as vias de uma psicanálise científica, não é novidade e já é algo afirmado aqui nesta dissertação. O que parece se perder de vista, contudo, é justamente essa reincidência dos mesmos obstáculos ao longo desse percurso. Observemos que as dificuldades enfrentadas por Lacan, muito se assemelham aos problemas que ele vinha apontando no campo da psicanálise desde de muito cedo. A centralidade da fala, que como, demonstrado, já aparece em 1936 com o texto *Para além do princípio da realidade*, enfrentava

⁹ Ver: LÉVI-STRAUSS, Claude. O Feiticeiro e sua Magia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 193-213 e LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 215-236.

dificuldades de sustentação epistemológica à época, tanto quando no momento atual. O problema, em suma, não parece tão distante tanto em um quanto em outro momento. Novamente, o que marca aqui sua diferença é sua associação ao símbolo, que em tese, resolvia ou ao menos fazia avançar o campo, na explicação relacionada aos problemas mencionados anteriormente: a realidade psíquica e as condições que garantem a eficácia da análise.¹⁰

Essa intervenção tem como objetivo, além de resumir o que Lacan recentemente havia trabalhado nos últimos anos, retornar Freud para embasar seus projetos futuros. Diz respeito ao embasamento epistemológico, das condições e circunstâncias com as quais, Lacan defendia a sustentação de uma clínica psicanalítica (LACAN, 1953/2005 p.14). Ou então, Lacan lança a discussão acerca do atravessamento das condições de seleção de candidatos a analistas, bem como quais as bases epistemológicas em nome da sua melhor compreensão. O aprofundamento acerca da questão da experiência analítica, atravessa a discussão suscitada por Lacan. Um questionamento acerca da experiência de fala tida em sua essência ou enquanto troca. Novamente trazendo um viável diálogo levi-straussiano, pensando nas estruturas de parentesco e possibilidades de troca. Mas que por outro, encontrará em Saussure seu refinamento. Sua leitura acerca das satisfações, se inicia com sua leitura saussuriana de que "o sujeito alucina seu mundo" (op.cit, p.16). Esse ponto é o das satisfações ilusórias do sujeito, que é de outra ordem das satisfações localizadas no objeto no real. Assim delimitando como sua descrição do imaginário que se dá no entendimento econômico das satisfações que está "infinitamente menos ligada aos ritmos orgânicos" (op.cit, p.17).

¹⁰ Ao nos aproximarmos e investigarmos as questões centrais desta dissertação, se apresentou a nós, além da ideia da anterioridade dos problemas enfrentados por Lacan, a hipótese de uma certa continuidade desses mesmos problemas ao longo de sua obra. Desse modo, esse ponto se insere aqui nesta dissertação muito mais como uma possibilidade de continuidade ou a sinalização de um possível desdobramento proveniente desta pesquisa do que uma conclusão a partir de nossas investigações.

Logo após essa definição do imaginário, Lacan prescreve estar ciente das implicações complexas da aplicabilidade do método psicanalítico e seus efeitos. Pois, estar ciente previamente da relação imaginária com as satisfações sexuais, suscita a impressão *aposteriori* da aplicação do método, um rigor praticamente perfeito (op.cit, p.17). E segue explicitando a relevância do conceito de 'libido' em jogo nessa composição imaginária, uma vez que é um termo que sustenta movimento energético, reversibilidade e transformação, deste "metabolismo das imagens" (op.cit, p.17). Tais aprofundamentos, conduziram Lacan a notar como até mesmo os comportamentos biológicos acabam encontrando nas palavras que as designam aspectos de seu próprio mecanismo, e a isso, nomeará deslocamento (op. cit, p.19).

O enlace prescrito por Lacan visa uma formulação clinicamente relevante diante de sua experiência analítica, sem necessariamente abrir mão do caráter ora paradoxical, ora denso e complexo, dos próprios elementos convocados para sua maturação. Marcamos que não se trata de uma apropriação despreocupada ou desorientada por parte do psicanalista. Lacan em seus esforços investigativos, convoca outros campos e outros desenvolvimentos em nome de uma formalização daquilo que sua clínica revelava. Entretanto, o fazia considerando o que isso também incorreria aos campos que foram convocados. Por certo, podemos questionar se esse esforço de regresso aos outros campos, foi ou não tão aprofundado quanto poderia ter sido. Ou quem sabe, considerar criticar Lacan por não ter ido longe demais do que isso poderia tensionar aos outros campos, por exemplo, considerar o que seria para a linguística ter de arcar com questões da ordem do inconsciente. Porém, não nos deteremos ao traço especulativo deste argumento. Aqui, visamos ressaltar que Lacan não marcava uma relação necessariamente assimétrica entre os registros em voga em sua clínica. Não se trata da relevância de um registro em detrimento a outro, mas sim, de seu esforço em prescrever o caráter fundamental de cada um destes registros, assim como, das relações possíveis entre os mesmos e seus limites. Ao dar relevo clínico aos distintos registros clínicos dentro da experiência analítica, Lacan busca

aprimorar uma resposta destes elementos para a psicanálise. E em seguida, passa a trabalhar a relevância da fantasia na clínica (op.cit, p.20), onde:

De fato, convém perceber que o imaginário está longe de se confundir com o campo do analisável. É possível que haja aí outra função que não o imaginário. Não é porque o analisável encontra o imaginário que o imaginário se confunde com o analisável, seja ele inteiramente analisável, ou analisado. (LACAN, 1953/2005 p.21)

Aqui encontramos um passo epistemológico de uma tensão, uma vez que trata-se da delimitação de um limite acerca da experiência analítica diante deste registro. Melhor dizendo, trata-se do que cabe ao imaginário em relação ao analisável da sessão. Justamente para não saltar diante de uma justaposição entre esses dois elementos. Lacan está aqui marcando que não é pelo fato de haver uma certa conjunção entre tais noções, que o imaginário seja completamente analisável. Sendo assim, marcando um ponto crítico diante da pressuposição totalizante que algumas linhas psicanalíticas parecem se pretender quando se lançam ao tratar do imaginário. Não há aqui plenitude analisável do imaginário. Ou como arrematará Lacan:

Logo, o que isso quer dizer? Por um lado, que não basta que um fenômeno represente um deslocamento, que se inscreva nos fenômenos imaginários para ser um fenômeno analisável. Por outro lado, que um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa que ele próprio (LACAN, 1953/2005 p.22).

É possível observar como Lacan aqui já começa a fazer a sua investigação acerca do 'simbolismo' visando o enlace da função imaginária com a relevância simbólica. Sob a vigência da analisabilidade de algo que represente outra coisa que ela própria, assim como versa a citação acima, localizamos a noção da mediação enquanto ingrediente crucial na equação da experiência de análise. A questão da mediação atravessada pelo simbólico, implica na apropriação radical do campo da linguagem acerca do *como* se fazer psicanálise. Essa modulação proposta por Lacan, lança a luz ao modo particular como seu retorno à Freud se dará em seus projetos futuros. O campo da linguagem e seus atravessamentos, não mais poderiam ser tomados de maneira irrelevante diante da compreensão e condução clínica no processo de cura de um sujeito. O que está em jogo aqui diz da preocupação de Lacan com as

condições de representabilidade. Melhor dizendo, trata-se de como trabalhar com a realidade psíquica e suas condições de representabilidade, ao passo em que, simultaneamente, encontramos também os impasses da representatividade simbólica e da linguagem. Consequentemente, Lacan buscará embasar os fundamentos das condições de representabilidade.

Nesse próprio movimento que Lacan vem operando no texto, qual seja, de apresentar e o registro do simbólico como aquele que deve ser privilegiado na situação analítica, o autor dá indícios de como está pensando uma reorganização dos problemas já enfrentados. O simbólico aqui vai ser apresentado como o registro propriamente humano, de modo que vai ser ele próprio o mediador entre sujeito e realidade. Esse é, talvez, um dos principais pontos de distinção do simbólico para com os outros registros. Lacan vai nos dizer que ao passo que a relação imaginária é sempre uma relação a dois, a relação simbólica será necessariamente marcada por uma relação a três:

Isso quer dizer que toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário. Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem que realize, em relação ao sujeito, o elemento transcendente graças ao qual sua relação com o objeto pode ser sustentada a certa distância (LACAN 1953/2005 p.33)

Contudo, mais do que uma função de mediação de realidade, o simbólico constitui a própria realidade, e isto não é pequena coisa. É o que Lacan (1953/2005) afirma no trecho abaixo:

Convém fazer também outra observação. Essa fala mediadora não é pura e simplesmente mediadora nesse plano elementar. Ela permite, entre dois homens, transcender a relação agressiva fundamental com a miragem do semelhante. É preciso que ela seja ainda coisa bem diferente disso, pois, se refletirmos, vemos que não apenas ela constitui essa mediação, como também a própria realidade. (opt. cit. p. 31)

Notemos que o que permanece nessa formulação é o problema da apreensão da realidade psíquica, o que demonstramos na leitura dos textos anteriores é justamente como

Lacan vinha tentando formular esse problema a partir da compreensão da realidade a partir do imaginário. Ou seja, suas formulações giravam em torno de uma problemática, muito próxima da fenomenologia, de como se daria a apreensão imaginária pelo sujeito da realidade, como se dá a conservação dos objetos ausentes no campo da realidade, mas que pode ser imaginados/alucinados pelo sujeito. O esforço analítico aqui, portanto, era investigar justamente de que forma o analisando apreendida a realidade psíquica.

O deslocamento para o simbólico não surge da resolução desse problema, mas sim por aparentar ser um tratamento insuficiente, a realidade passa a não mais poder ser compreendida sem o um elemento de mediação. Sendo que a própria eficácia da análise, como marcado acima, passa a depender em larga escala dessa função.

Acontece que com essa nova formulação, a pergunta que começa a surgir não mais a relação entre objeto real e imagem do mesmo, o deslocamento para o símbolo impõe a questão sobre qual a relação entre palavra e coisa ou a palavra e o que essa significa.

O surgimento dessas questões não implicam no apagamento ou na superação das anteriores, antes marcam uma continuidade entre dois momentos que não se diferenciam por enfrentam problemas diferentes, mas por se posicionarem de forma distinta frente a problemas que insistem em se apresentar. Isso fica marcado nessa comunicação que acabamos de apresentar encerrando nossa análise dos texto que precedem o seminal FC.

2.2 A fala plena e a fala vazia

O fazer psicanalítico é um tema crucial para Lacan. Quando nos aproximamos da discussão proposta aqui nesta tese, lembramos que trata-se da dignidade com que queremos marcar as tensões, os problemas, os desafios, localizados pelo psicanalista. A articulação entre a fala plena e a fala vazia, conseguem ilustrar esse ponto caro à aposta de sustentar que a fala

não é um problema novo para Lacan, quiçá à psicanálise. Trata-se justamente de trazer luz aos problemas com os quais esse texto enfrenta, que são elementos constantes e anteriores, sem correr às leituras anacronicamente feitas do autor. Melhor dizendo, sem colocar produções futuras para explicar os entraves passados.

Desde o início do texto estamos ressaltando que a experiência analítica aqui tem sido tomada como essencialmente uma experiência de fala, sendo que, como afirma Lacan: “a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente” [ibid. p.248]. É neste sentido que pleiteamos que mesmo o conhecido jargão do retorno a Freud é, em suma, recolocar a fala no cerne da técnica e da conceituação da psicanálise.

Tendo isto em vista, e na continuidade do caminho argumentativo de Lacan, é preciso marcar que a fala que o interessa não é qualquer fala, no sentido genérico, mas a fala em análise a qual ele depreenderá em dois aspectos, qual seja, *fala plena* e *fala vazia*.

É patente que já nesse momento é possível observar o início de uma separação da fala em sua função imaginária e simbólica e, até mesmo, a gênese de conceitos que vão se desenvolver a partir disto, como é o caso do significante, bem como de alguns dos desenvolvimentos teóricos ulteriores a esse texto. Contudo, continuamos insistindo no movimento de resistirmos a tentação dessa forma de leitura para poder abordar como essa divisão que surge como forma de tratamento dos problemas técnicos que estavam colocados para Lacan naquele momento como cruciais à psicanálise. Especialmente no que tange ao efeito provocados por esse forçamento, via trabalho do analista, da fala vazia para a fala plena.

Retomando, portanto, essa oposição, tal como ela é feita nesse momento, resistindo à tentação de fazer predileções sobre o futuro desses conceitos, faz-se necessário apresentar no que, especificamente, reside essa oposição. A fala vazia é uma fala que aliena o sujeito, que objetiva o seu discurso e que só faz aumentar a espessura do que Lacan (1953/1998) chama de

“muro da linguagem” (p. 283), que impede que a fala se liberte de uma verborragia e se articule com a verdade do desejo do sujeito. A fala vazia, tal como Lacan aborda, é o aspecto da fala responsável pelo paulatino abandono dos analistas da fala como objeto e meio de trabalho:

Abordamos a função da fala na análise por seu aspecto mais ingrato, o da fala vazia, em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo. Aí mostramos a Fonte da depreciação crescente de que a fala tem sido objeto na teoria e na técnica. (LACAN, 1953/1988, p. 255)

É salutar aqui recordar que neste momento da técnica lacaniana a passagem da fala vazia para fala plena é um dos objetivos da análise. Desse modo, a fala vazia é aquela que merece do analista o silêncio, pois a tentativa de resposta ou de explicação que tome a fala vazia como referência assume o risco de uma renovação da alienação do discurso do paciente – ponto que retomaremos adiante. Uma oposição determinante entre esses dois tipos de fala para Lacan (1953/1998) é que enquanto fala vazia está ligada ao *hic et nunc* a fala plena se articula com o sujeito em sua historicidade e finitude.

Na chave dessa oposição Lacan (1953/1988) afirma que:

Encontraremos, opondo-se a análise do *hic et nunc*, o valor da anamnese como índice e como mola do progresso terapêutico: na intra-subjetividade obsessiva, a inter-subjetividade histórica, na análise da resistência, a interpretação simbólica. Aqui começa a realização da fala plena. (p. 255)

Essa recuperação que Lacan (1953/1998) opera da anamnese como dimensão que se relaciona com a historicidade do sujeito e que só pode surgir em uma relação intersubjetiva é o que lhe confere o aspecto de uma “fala verdadeira” (p. 284).

Desse modo, na tagarelice a palavra assume o lugar da coisa, essa correspondência da ideia à coisa, que em termos lacanianos poderia se dizer que é uma fala presa ao campo do imaginário e do sentido, do “muro da linguagem” (LACAN, 1953/1998 p. 283), da “miragem do

monólogo” (LACAN, 1953/1998 p. 249) que é justamente onde ele localiza a fala vazia. Por sua vez é só no âmbito da fala plena, historicizada, dialetizada, que a verdade pode surgir enquanto revelação. É que se pode observar nos trechos a seguir:

A ambiguidade da *revelação* histórica do passado não decorre tanto da vacilação de seu conteúdo entre o imaginário e o real, pois ele se situa em ambos. Tampouco se trata de que ela seja mentirosa. E que ela nos apresenta o *nascimento da verdade na fala* (...) Pois a verdade dessa revelação é a fala presente, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade (LACAN, 1953/1998 p. 257 *grifos meus*)

A revelação histórica, o nascimento da verdade na fala, termos que foram destacados para demonstrar essa faceta da verdade enquanto revelação na fala. Contudo, neste trecho a fala aparece em termos genéricos, sem a especificação do tipo de fala que tem essa relação como seu predicado, o que será feito na sequência do texto, observem:

É que não se trata, para Freud, nem de memória biológica, nem de sua mistificação intuicionista, nem da paramnésia do sintoma, mas de *rememoração*, isto é, de *história*, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro. Sejam categóricos: não se trata, na anamnese psicanalítica, da realidade, *mas de verdade*, porque o efeito de uma *fala plena* é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presente. (LACAN, 1953/1998, p. 257)

Portanto, fica claro que o que interessa da fala não é sua dimensão ligada à realidade, a ligação entre ideia e coisa, mas da verdade que se revela na fala quando tomada em sua dimensão histórica.

Seguido o movimento da argumentação, passamos agora a analisar como essa essa passagem da fala vazia para fala plena depende de um trabalho realizado pelo analista e quais são os efeitos afetivos que são provocados por esse forçamento. Retomando o texto de Lacan, destacamos que a primeira diferenciação entre dois tipos de fala em análise se dá nestas palavras:

a diferença entre a miragem de monólogo com que as fantasias acomodatócias estimulavam sua jactância e o *trabalho forçado* desse discurso sem escapatória, que o psicanalista, não sem humor, e o terapeuta não sem astúcia, decoraram com o nome de “associação livre” (LACAN, 1953/1998, p.249, grifos nossos)

Algumas coisas importantes podem ser extraídas desse trecho. Primeiro Lacan está preocupado com a fala em análise e não com a fala de forma geral, isto é, para além dos limites da atuação clínica do psicanalista – algo que será determinante para nossas análises posteriores. Segundo, que para se sair da miragem do monólogo e chegar à associação livre faz-se necessário um trabalho, trabalho este que é feito pelo analista. Ou seja, diferente do conceito de significante, que é por si só tido como algo que concerne a fala em geral e é apenas “mobilizado” na clínica, ou seja, não é entendido como um efeito da análise, a fala plena é, em alguma medida, forjada na análise, pela própria aplicação da regra da associação livre, que separa a fala de sua função referencial.

Na continuação do trecho supracitado Lacan ressalta que se trata realmente de um trabalho, tanto o é que ele exige de quem o exerce, o psicanalista, uma aprendizagem (não é algo naturalmente dado). Esse processo de aprendizagem, por sua vez, não pode se dar de uma forma que embruteça a técnica analítica transformando-a em um manual operatório que receite ações predeterminadas ao manejo analítico. Tal impossibilidade, é, em partes, calcada nos debates epistemológicos que Lacan trava à época de Para-almém do princípio de realidade, no qual a noção de relatividade, extraída da física moderna, é fundamental à construção do objeto e da técnica psicanalítica. A ausência de um referencial fixo, seja ele externo (realidade objetiva do paciente?) ou interno (marcadores biológicos), com que o discurso precisa ser escutado é tributária dessa relatividade.

Para compreender de que forma, então, acontece esse trabalho, Lacan (1953), remete-nos aos efeitos próprios dessa fala que estamos tentando circunscrever, sendo em número de três: frustração, agressividade e regressão. É a partir da descrição e compreensão dessas reações que se pode extrair do trabalho do analista: “suas condições e seu fruto, na esperança de aí ver melhor seu objetivo e seu benefício” (p. 250)

Não deixemos escapar o objetivo da análise desse momento do texto, estamos aqui analisando a diferença, mas mais do que isso, como se dá, via trabalho do analista, a passagem de uma fala vazia para uma fala plena. Essa última é claramente uma construção favorecida pelo ambiente artificial de suspensão de sentidos que a clínica psicanalítica produz não sem o trabalho do analista. Para compreender de que maneira se dá essa suspensão, Lacan aqui propõe seguirmos o caminho dos efeitos provocados por tal forçamento (forçar a fala ao não-sentido). Trata-se de notar que o forçar do sujeito em sua entrada na fala plena produz efeitos. O psicanalista francês ressalta que a frustração somada à agressividade, anunciada enquanto efeito colateral da *frustração analítica*, e a regressão, são elementos cruciais aos empasses clínicos que diferenciarão sua psicanálise da vertente inglesa ou da psicologia do ego.

O primeiro desses efeitos que entram na argumentação do psicanalista é o da *frustração*:

Indaguemos, antes: de onde vem essa frustração? Será do silêncio do analista? Uma resposta à fala vazia, mesmo e sobretudo aprobatória, frequentemente mostra por seus efeitos que é bem mais frustrante do que o silêncio. Não se tratará, antes, de uma frustração que seria inerente ao próprio discurso do sujeito? O sujeito não se empenha neste numa despossessão cada vez maior do ser de si mesmo, o qual (...)ele acaba reconhecendo que nunca foi se não um ser de sua obra no imaginário, e que essa obra desengana nele qualquer certeza. Pois, nesse trabalho que faz de reconstruí-la *para um outro*, ele reencontra a alienação fundamental que o fez construí-la *como um outro*, e que sempre a destinou a lhe ser furtada *por um outro*. (LACAN, 1953/1998, p.250, grifos do autor)

Para Lacan não há resposta possível que possa evitar esse efeito da frustração experimentado no momento da fala. Qualquer tentativa do analista que caminhe neste sentido

estará fadada também ao fracasso. Em certa medida porque a frustração é inerente ao próprio discurso, uma vez que esse nunca será suficiente, mas especialmente porque a frustração é inerente a função do Eu. Isto é, o Eu é por si só frustração por sua própria constituição (possível articular com o Estádio do Espelho).

O efeito na técnica analítica dessa frustração tem a ver com a denúncia ou a revelação da alienação fundamental a qual o Eu está vinculado. Ou seja, na reconstrução desse Eu imaginário que o paciente faz ao analista, ele passa a revelar a que outro imaginário aquele discurso se dirige (Algo já trabalhado no texto para além do p. de realidade)

Contudo, há aqui diferenças do tratamento que a agressividade recebeu anteriormente. Se antes essa estava condicionada ao péssimo hábito do analista de não responder a seu paciente, uma agressividade que era *causada* pelo silêncio do analista, em 1953, no FC, Lacan condiciona essa a uma insuficiência imanente à linguagem (passo este que me parece ausente nas elucubrações anteriores, mas que porém, não atesta uma obsolescência concernente à linguagem ou a refuta).

"Esse é o mesmo que, não hesitando em defender uma análise "causalista", que visaria a transformar o sujeito em seu presente através de doudas explicações de seu passado, trai suficientemente, até em seu tom, a angústia de que quer poupar-se [no caso, o analista (grifo nosso)], por ter que pensar que a liberdade de seu paciente está presa à sua intervenção...

Visamos, antes, ao *hic et nunc* em que alguns crêem dever enclausurar o manejo da análise. Ele pode ser útil, de fato, desde que a intenção imaginária que o analista descobre ali, não seja por ele, desvinculada da relação simbólica em que ela se exprime. Nada deve ser lido nisso, no que concebe ao *eu* do sujeito, que não possa ser assumido por ele sob a forma de um [*eu*] isto é, na primeira pessoa" (LACAN, 1953/1998, p.250, grifos do autor).

A frustração, como já dito, não vem sozinha, mas acompanhada da agressividade, que como compreende Lacan é efeito colateral da primeira. Nesse forçamento, quando o analista se permite escapar das doudas explanações do passado ao sujeito como manejo clínico, tanto como

forma de poupar-se da angústia de ocupar tal lugar como de se apaziguar a agressividade provinda do analisante.

A frustração analítica, portanto, não se trata de tropeço 'cognitivo', de falta de compreensão ou questionamento superficial, menos ainda de uma reação à não resposta advinda do analista, trata-se do que tange ao afeto gerado à uma queda imaginária, de uma ruptura ou de despedaçamento imaginário oriundo dos efeitos da fala plena. O ponto de Lacan é que diante dessa agressividade, um analista não deve ceder ou se esconder, é frente à essa angústia que um analista não pode deixar de se apresentar.

Dito de outra forma, o que se quer aqui apontar é que não se trata de adaptação dócil em nome do *status quo* ou de certa re-inserção do sujeito num determinado ideal social ou numa determinada moral. Não se trata só de fazer com o que o sujeito se encaixe numa narrativa de seu passado com um aval analítico, mas sim, do poder livrar-se dela em nome de uma re-significação. Ou então, trata-se de como transformar a agressividade em um operador analítico. Logo, Lacan precisa questionar-se sobre como isso poderá ser feito. Primeiramente, a agressividade é fundamental para que não se opere uma renovação da alienação. Onde isso se renovaria? No lugar do analista. Aí está a crítica severa de Lacan aos analistas ingleses, que se valiam deste determinado lugar em nome de um direcionador moral ou um sábio conselheiro.

Seguindo a argumentação de Lacan, notamos que seu manejo técnico possui um horizonte distinto à psicanálise crescente da época:

"O perigo não está na reação negativo do sujeito, mas antes em sua captura numa objetivação, não menos imaginária do que antes, de sua estática ou de sua estátua, numa situação renovada de sua alienação.

Muito pelo contrário, a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que se deve escandir-se a resolução delas" (p.253)

Claramente Lacan determina que os passos de uma análise, não possuem compromisso com a dominação, com a reificação ou com submissão. Trata-se justamente de uma via de possibilidade emancipatória vislumbrada por meio do processo analítico. Emancipação do que? Da captura por uma objetivação. Tal objetivação tem relação direta com o aprisionamento de efeitos iatrogênicos¹¹, do peso da discursividade doutra sobre o sofrimento que preenche as lacunas da fala plena. Nesse momento, cabe notarmos o potencial com que o psicanalista notava para os manejos nessa direção. Ainda assim, tal tese sustenta problemas para serem investigado posteriormente.

Outro efeito prescrito pelo autor é o da regressão. Aqui cabe lembrar que a regressão, assim como a agressividade, são marcos clínicos de diferenciação para Lacan em relação às outras psicanálises. A psicanálise da vertente inglesa se vale da construção freudiana da regressão [*regression*], que possui inúmeros passos para sua constituição e Lacan quer marcar qual é a sua contribuição e interpretação clínica para tal noção. Conseguimos resgatar em *Interpretação dos Sonhos* (1900), numa nota posteriormente suplementada por Freud em 1914, sua interpretação acerca de tal noção:

Assim, cabe distinguir três tipos de regressão: a) regressão tópica, no sentido do quadro esquemático dos sistemas Ψ que explicamos atrás; b) regressão temporal, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e c) regressão formal, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva. (p. 501)

Desta forma, conseguimos notar como esse efeito possui níveis de complexidade no que diz respeito à sua utilização. São três camadas distintas que operam combinadas e que, perceptivamente se demonstram. Enquanto teremos o psicanalista francês defendendo que:

¹¹ Segundo Ivan Illich (1975), efeitos iatrogênicos são os danos ou lesões oriundas da própria discursividade médica causados sobre uma pessoa.

"É assim que se pode operar a regressão, que é apenas na atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um *ego* a cada etapa da decomposição de sua estrutura. Pois afinal, essa regressão não é real; mesmo na linguagem, ela só se manifesta por inflexões, fraseados, "tropeços muito ligeiros" que, quando muito, não poderiam ultrapassar o artifício da fala *babyish* no adulto. Imputar-lhe a realidade de uma relação atual com o objeto equivale a projetar o sujeito numa ilusão alienante, que só faz repercutir um álibi do psicanalista" (LACAN, 1953/1998, p.254, grifos do autor).

A interpretação de Lacan acerca da regressão impõe novamente a crucial compreensão do forçamento do aparato psicanalítico operante em análise. E novamente, marca a alienação como seu alvo crítico. O que aqui está em jogo, diz respeito ao analista ocupar essa espécie de operador ou Outro, que produz complementaridade ao sujeito, que apenas apazigua e acalenta a angústia, demandas e sofrimento do sujeito.

Assim sendo, um analista que ignora ou que tampona as operações e os elementos imaginários presentes na realidade de um analisante, se vale de uma ilusão alienante que destitui a potência de autonomia do sujeito e assim, lhe rouba justamente aquilo que viabiliza emancipação. Entretanto, não devemos concluir que não há utilidade terapêutica em tais manejos ou que essas não possuam relevância clínica, apenas cabe ressaltar que Lacan francamente defende que uma análise não deva se satisfazer apenas e somente apenas, com as operações oriundas dessa tática clínica. Uma psicanálise atenta às reedições fantasísticas para o sujeito, visa escapar na re-edição imaginária que o aliena.

Não podemos deixar de pontuar que todas essas formulações e diferenciações entre fala plena e fala vazia só são possíveis pela retomada da fala como elemento central de uma análise, como já trabalhado na sessão 1.2 (nota de rodapé). Mas não apenas isso, como essas formulações acompanham problemas trabalhados por Lacan em momento muito anteriores a redação de FC. Não é que a fala vinha sendo completamente excluída da experiência analítica, o que a rigor seria mesmo impossível, mas que ela não recebia um tratamento adequado nas formulações da

época, os analistas se perdiam no que deveria ser escutado ou mesmo de que modo deveria ser escutado. Vejamos dois trechos a seguir nos quais esses pontos ficam evidentes.

Vejamos essa primeira passagem:

Pois o essencial é saber o que visa essa atenção [atenção flutuante]: não, certamente, e todo nosso trabalho está aí para demonstrá-lo, um objeto para-além da fala do sujeito, como alguns se empenham em nunca perder de vista. Se tivesse que ser essa a via da análise, sem dúvida alguma seria a outros meios que ela recorreria, ou então, essa seria o único exemplo de um método que proibisse a si mesmo os meios de atingir seu fim (LACAN 1953/1998 p. 254)

Logo, conseguimos notar que a construção de Lacan em sua investigação acerca do objeto da fala, lhe fortaleceu com os instrumentos necessários para não apenas criticar os usos desatentos e empobrecidos da fala, mas também, por uma crítica da essencialização dos elementos fantasísticos. Em outras palavras, como demonstramos no item 1.2, ao falarmos do texto “Para além do princípio de realidade”, o desconhecimento ou o não questionamento sobre a natureza da realidade psíquica fazia com o que psiquiatras e psicanalistas da época se perdessem em uma espécie de busca por um elemento de realidade externo ao discurso do paciente, sem se dar conta que era essa própria busca que deslocava a fala do centro da atenção do terapeuta. É neste sentido que pontuamos que a exclusão da fala que denuncia Lacan, não é sua exclusão como elemento técnico, mas a não compreensão de seu estatuto epistemológico.

Torna-se mais e mais evidente, na formalização do psicanalista, que o objeto da fala, sua distinção entre fala plena e fala vazia, vão assegurando algumas de suas antigas inquietações. E não por menos, seguimos aqui para a desambiguação da qualidade entre essas falas, justamente para sustentar a direção clínica que Lacan (1953/1998) almeja defender:

Abordamos a função da fala na análise por seu aspecto mais ingrato, o da fala vazia, em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo. Aí mostramos a fonte da depreciação crescente de que a fala tem sido objeto na teoria e na técnica, e foi preciso levantarmos pouco a pouco, que só pode servir de volante no movimento da análise, ou seja, os fatores

psicofisiológicos individuais que, na realidade, são excluídos de sua dialética. Dar como objetivo à análise modificar sua própria inércia é condenar-se à ficção do movimento, onde uma certa tendência da técnica parece efetivamente satisfazer-se. (p. 255)

Finalmente, conseguimos delimitar que a diferenciação entre fala plena e fala vazia, no que diz respeito à clínica. Essa passagem marca que a fala vazia, do embuste, do engano afasta o sujeito do desejo. Fundamentalmente, é o ponto ressaltado por Lacan aqui ao atentar-se à fala enquanto objeto. E, mais ainda, Lacan prescreve o risco da 'ficção do movimento' em se crer na técnica pela técnica, no embuste de que a fala sustentaria os passos para a cura por si só mesma, como se as operações de fala produzissem os efeitos clínicos necessários pela emancipação do sujeito em nome do seu desejo por si só. Logo, se faz necessário um analisa. E, os passos em nome da fala plena são prescritos aqui por Lacan:

Se agora voltarmos nossos olhos para o outro extremo da experiência analítica - em sua história, sua casuística, no processo do tratamento -, encontraremos, opondo-se à análise do *hic et nunc*, o valor da anamnese como índice e como mola do progresso terapêutico: na intra-subjetividade obsessiva, a inter-subjetividade histérica, na análise da resistência, a interpretação simbólica. Aqui começa a realização da *fala plena*. (LACAN, 1953/1998, p.254, grifos nossos)

Torna-se aqui patente que Lacan, prescreve tal desambiguação em nome de táticas clínicas diferentes, de momentos particulares específicos do tratamento e com consequências diferentes diante dessa compreensão do objeto fala dentro desse dispositivo clínico. Se a fala vazia vai estar ligada ao relato cotidiano do paciente, do seu 'blá-blá-blá' portanto com pouco potencial analítico, a fala plena causada e forçada pelo tratamento do analista, tem seu potencial não por estar ligada à realidade, mas por ser aliada à verdade do desejo. Algo que se torna cristalino na seguinte passagem:

A ambiguidade da revelação histérica do passado nem decorre tanto da vacilação de seu conteúdo imaginário e o real, pois ele se situa em ambos. Tampouco se trata que ela seja mentirosa. É que ela nos apresenta o nascimento da verdade na fala que, através disso, esbarramos na realidade do que não é nem verdadeiro e nem falso. Pelo menos isso, é o que há de mais perturbador em seu problema.

Pois a verdade dessa revelação é a fala presente, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela de poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha.

Eis por que a condição de continuidade na anamnese onde Freud aquilata a interioridade da cura, nada tem a ver com o mito bergsoniano de um reestabelecimento da duração, onde a autenticidade de cada instante seria destruída por não resumir a modulação de todos os instantes antecedentes. É que não se trata, para Freud, nem de memória biológica e nem de sua mistificação institucionalista, nem de paramnésia do sintoma mas de rememoração, isto é, de história, fazendo assentar fazendo aceitar unicamente sob a navalha das certezas da data e balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro. Sejamos categóricos: não se trata na anamnese psicanalítica de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades porvir tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presente. (p.257)

Conseguimos notar nessa passagem um claro esforço de consolidação argumentativa por parte de Lacan acerca da psicanálise diante de seu atravessamento pela questão da fala e suas considerações acerca da temporalidade experimentada pelo sujeito. Suas considerações para a psicanálise visam ultrapassar uma leitura moral e/ou moralizante, busca um certo *para além* da compreensão da própria realidade. Trata-se de uma apreciação psicanalítica diante modalidades distintas de fala (plena e vazia), não em nome de uma anamnese da realidade mas sim de uma verdade. Afirma assim uma necessária consideração psicanalítica acerca da realidade, que não toma ingenuamente as questões cotidianas desarticuladas dos muitos atravessamentos imaginários, simbólicos e reais em jogo na sua composição, mas que estão em jogo na fala.

O descolamento da fala da busca de um elemento de realidade, possibilidade que sua importância ou seu potencial analítico esteja agora colado à verdade do desejo do sujeito que fala e não mais do julgamento de realidade do psicanalista que escuta. Não é o analista que escolhe, sua única possibilidade é a de não escolher. Não escolher o que merece ser analisado e não escolher o sentido da fala que lhe é direcionada. Precisa, antes, pacientemente aguardar que seu sentido se revele na história do discurso do sujeito. Não na estorinha contida na

descrição cotidiana do seu relato, mas na forma como ele se constitui enquanto um sujeito que se revela na historicidade de seu próprio discurso.

O retorno à Freud, tão anunciado e comentado nesse texto, não pode ser compreendido se perdermos de vista essa recusa tanto ao empirismo quanto à necessidade de um substrato biológico que sustente e empecilho à uma análise. E, resgatando que sua interpretação de Freud lhe permite notar que a anamnese psicanalítica trata da verdade enquanto efeito de fala plena em nome da reordenação de contingências, como supracitado, Lacan busca não uma espécie de autenticidade plena ou uma teleologia, nem encontrar a experiência última da realidade. Trata-se da construção, via forçamento da fala plena experiências clínicas de não-sentido da fala vazia, de equívocos, tropeços e escansões na fala, elementos que escancaram a abertura em nome de um reordenamento subjetivo sob uma outra amarração orientada pelo desejo.

Em suma, este capítulo versa sobre as intempéries da compreensão da fala dentro da psicanálise. E mais do que isso, toma como o texto de Lacan, possui certa função de cunho político ao resgatar Freud, mas também, ao resgatar que ainda havia mais a ser dito sobre a fala. Ao retomar a negligência diante deste elemento cabal da experiência analítica, o que Lacan investiga ganha relevo qualitativo sob a distinção entre fala plena e fala vazia, mas mais do que isso, sobre como tal resgate implica em posturas e gestos clínicos completamente diferentes no que dizem respeito à autonomia do sujeito frente ao seu desejo.

É indiscutível que essas formalizações que a fala recebe em FC têm enorme impacto no percurso futuro da psicanálise lacaniana. Mas não podemos perder de vista que tal movimento só é possível a partir de inquietações anteriores de Lacan e que agora, ganham corpo epistemológico em seu fazer clínico.

Além disso, uma teorização da fala que inclui a relação entre produção do espaço clínico e a formação de uma fala sem referentes também aproximava Lacan da teoria crítica

marxista. Um dos grandes temas da crítica da economia política proposta por Marx (2013) em *O Capital* é a análise do fetiche da mercadoria: o efeito mistificante que acompanha a produção de mercadorias no capitalismo, uma vez que o mercado que emerge como uma rede auto-evidente de equivalências entre o “valor natural” dos produtos e as “relações entre coisas” faz desaparecer as relações de produção que condicionam a constituição histórica dessa forma de circulação de mercadorias. Não se trata apenas de mostrar que “por trás” de cada mercadoria determinada há um trabalho determinado, mas de colocar em cena o “enigma” da própria forma da mercadoria, isto é, a dimensão histórica e formadora do trabalho na constituição da rede de equivalências quantitativa que é a esfera da circulação (ZIZEK, 2010). De maneira análoga, poderíamos avançar que a concepção lacaniana de fala sem referente - inserida num regime simbólico - aparece aqui como produto de um trabalho formativo, que não contribui positivamente para o que se diz, mas para a forma do dizer em análise. Essa posição é não apenas consoante com a crítica marxista da visão transhistórica das estruturas simbólicas, mas também, como mencionamos, parece responder ao problema epistemológico da dimensão experimental da psicanálise.

O elemento do fetichismo cabe aqui, uma vez que trata-se da “... “naturalização” com que o sistema burguês se auto-determina socialmente, aponta para necessidade de revestir sua imposição, para mantê-lo enigmático e mascarar sua operação, em nome de sua manutenção e subsistência” (Gonsalves, 2013). Esse mascaramento por um trato mágico e mistificante, esse escamoteamento pela via do enigmático, são pontos críticos da ordem transformadora do trabalho e então, resgatamos essa noção para pontuar tais fazeres. Localizamos como esse fazer enigmático do fetiche atravessa o trabalho, na produção da mercadoria e como o elemento do fetiche no fazer psicanalítico, recai nesse outro fazer enigmático do *significante*. Invocamos aqui esse elemento crítico, justamente para fazer jus à uma leitura que preserva a proposta desenvolvida aqui nesta dissertação. É importante marcar que isso não é uma crítica à teoria do

significante, tampouco uma tentativa de reduzir sua importância ao efeito mistificante da fetichização. Nosso intuito aqui é evidenciar a pré-existência e a permanência do problema para qual o significante, neste momento, se apresenta como solução.

CONCLUSÃO

O percurso desenvolvido ao longo dessa pesquisa visa prescrever uma espécie de recorte na obra de Jacques Lacan. Os desenvolvimentos do psicanalista acerca das articulações entre a psicanálise e a linguagem estão dentro de um contexto que invoca um resgate preciso para seu desenvolvimento. Esta exploração bibliográfica, atenta ao recorte histórico e também, às problematizações epistemológicas em voga neste contexto, foram os motores que animaram essa apreciação teórica. E, por bem, buscam elucidar e inquietar alguns dos pontos centrais das possíveis motivações e atravessamentos, que fizeram com que a psicanálise segundo Lacan buscasse a solução de seus impasses por meio desta apropriação clínica da linguagem.

A prescrição acerca do simbólico enquanto tom clínico da psicanálise de Lacan, já acompanhavam Lacan mas ganham peso epistemológico em algumas das obras de 1953, como resgatamos em nossa discussão. Essa interlocução entre a psicanálise, o estruturalismo, a linguística e outros campos do conhecimento, embora fosse comum aos desenvolvimentos do psicanalista francês, marcam um aspecto axiomático de suas teses epistemológicas para o campo. Resgatando majoritariamente os textos Discurso de Roma e seu relatório; Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise; Simbólico, Imaginário e Real; e a carta de Lacan à Rudolph Loewenstein, conseguimos localizar os argumentos, a discussão e o contexto no qual Lacan estava às voltas para conseguirmos promover essa discussão.

Fortuitamente, o aprofundamento apresentado destes textos provoca e promove os pontos centrais para sanar a questão que rege esse trabalho: Quais problemas estavam em voga na psicanálise, para que fundamentalmente Lacan precisasse da inserção do registro Simbólico em seus desenvolvimentos psicanalíticos? Ao longo do primeiro capítulo seguimos as questões dentro do contexto histórico e os embates da psicanálise com os quais Lacan se propôs investigar. Logo, a apreciação do texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*

(1953), foram acompanhados não apenas pela apreciação epistemológica, mas contando com a perspectiva dos enredamentos históricos que incitaram ou atravessavam o autor.

Isso implica numa compreensão desmistificada do psicanalista francês como uma espécie de criador ou inventor obscuro, dentro do campo epistêmico da psicanálise. Ler Lacan, seguindo os passos desenvolvidos ao longo deste trabalho, é compreender a premência de se ler Lacan *com* Lacan. Ou então, de entender que sua veia investigativa e de aprimoramento, vinha em nome de suas próprias tentativas e formulações, como esmiúça Tupinambá (2019). Não se trata necessariamente de um texto pronto, um desenvolvimento propriamente encerrado de um projeto realizado de antemão, que usurpa de autores de outros campos ao bel prazer como julgam alguns comentadores. Trata-se de nos aproximarmos primeiramente destes textos enquanto *acompanhantes* do desenvolvimento dos aprimoramentos e refinamentos inovadores propostos por Lacan para o campo, especialmente nesse momento da história epistemológica de Lacan.

O que Lacan experimentava já em sua clínica passava a ganhar um campo epistemológico. E ao passo em suas inovações clínicas foram tomando vida dentro de seus desenvolvimentos teóricos, sua popularidade crescia em sua divulgação da psicanálise em campos não costumeiros aos psicanalistas de sua época. Tal ponto suscitou tensões delicadas que conturbaram a relação de Lacan com a IPA. Teoricamente, a apreciação da *fala* e sua investigação sob o caráter simbólico passam a privilegiar um elemento freudiano que, por certo, sempre foi central à experiência da psicanálise mas que tomava um curioso 'apagamento' de consideração epistemológica. Isso se dá, fundamentalmente, pelas experiências clínicas do psicanalista que se interrogava justamente pelos limites de uma clínica estritamente imaginária ou majoritariamente imaginária.

Trata-se agora, depois de recapitularmos a especificidade do tratamento da fala dado por Lacan em seu percurso anterior ao *Função e campo da fala e da linguagem* em psicanálise, de apresentar de que forma esses problemas que temos tratado se apresentam no tão famoso texto. Como argumentamos até aqui, é possível tanto acompanhar o desenvolvimento da teoria psicanalítica lacaniana nos anos 40 do ponto de vista da ruptura representada pela aliança com a linguística estrutural quanto do ponto de vista da perplexidade de Lacan com a experiência clínica propriamente dita, onde a fala emergiu para ele como um objeto em busca de uma teoria adequada.

A leitura retroativa, que parte do conceito de significante e da compreensão das leis da fala a partir da linguística e do estruturalismo, é bastante bem fundamentada e nós poderíamos rapidamente repassar algumas das similaridades que são facilmente reconhecíveis entre a “pré-história” e a “axiomatização” lacaniana. Por exemplo, como apontado por Simanke (2002) em nossa discussão de *Para além do princípio de realidade*, há uma continuidade entre a crítica da psicologia nesse período e nos períodos subsequentes, bem como entre o apelo a uma concepção do aparato psíquico que não tenha a realidade como pedra de toque, mas a satisfação pulsional. Há também uma similaridade entre o esvaziamento do monólogo em análise e o esvaziamento do imaginário nos anos 50, em favor da centralidade do simbólico. O próprio conceito de significante, definido pela barra que o separa do significado, encontra uma antecipação na ideia da “fala sem relato”, uma fala que não encontra suporte na clínica para além do ato de falar. Mesmo a teoria da agressividade como efeito do diálogo aponta para teses posteriores de Lacan a respeito da transferência como “objeção” à intersubjetividade (LACAN, 1967/2003, p. 252).

É também à luz dessa comparação que, tomando os conceitos posteriores como modelo de avaliação das investigações de Lacan, surgem periodizações do seu ensino que

supõem que o recurso à "intersubjetividade" ou à "experiência" sinalizam um "Lacan do imaginário", a ser posteriormente substituído por um "Lacan do simbólico" e por fim um "Lacan do real". O que se perde em comparações sobre determinadas como essas, que tomam os conceitos como índices unívocos - como se "intersubjetividade" não pudesse operar de formas distintas em momentos distintos de uma pesquisa - é a questão central de uma investigação em psicanálise: o que tornou-se possível pensar dentro de um dado quadro conceitual? O que se tornou possível escutar? Que tipo de experimentos se tornam possíveis?

Por isso, cabe a nós, antes, reconhecer a especificidade, aquilo que define este período do pensamento lacaniano preciso, para que se torne possível também reconhecer que a suposta "pré-história" do pensamento lacaniano foi também, querendo ou não, o período de maior inovação clínica de Lacan - como a proposta a sessão de tempo variável - e o momento em que não estava em jogo apenas a formalização de uma experiência já bem teorizada, mas a própria teorização, interna ao próprio campo, daquilo que viria a definir a psicanálise lacaniana.

Qual seria, portanto, a singularidade do tratamento dado à fala por Lacan nesses primeiros anos de sua investigação? Parece-nos que o principal traço distintivo, como mencionamos anteriormente, é a revisão da técnica na constituição da fala como fundamento da experiência analítica. Como notamos em nossa análise de Para além do princípio de realidade e Agressividade em psicanálise, a fala emerge como elemento organizador da experiência clínica a partir da ruptura com "os grilhões do relato". É a partir dessa ruptura que se estabelece, para o analista, a função do silêncio como convite à presença da fala verdadeira e, para o analisando, as reações libidinais - frustração, agressividade, etc. - que decorrem da suspensão do acordo entre fala e seu referente. Ou seja, ainda que, observando apenas o que acontece "dentro" da experiência clínica, muitas similaridades entre esse momento e outros do pensamento lacaniano apareçam, é o estatuto da fala sem referentes como um efeito da regra

da livre associação, ou seja, como uma produção que “funda” essa experiência, que demarca a especificidade desse momento teórico de Lacan.

Essa compreensão da fala liga-se, assim, de maneira imanente à centralidade da técnica na manutenção do espaço clínico. Daí, também, a importância de uma referência constante à “experiência clínica”. A experiência aparece aqui como o ponto de encontro concreto entre dois níveis. Primeiro, a reformulação epistemológica da psicanálise, que visava demonstrar que, no espaço clínico, os “erros subjetivos” ganham um novo estatuto, relativo ao sistema de coordenadas de significação do falante em particular. Segundo, a experimentação técnica, uma vez que Lacan enfatiza continuamente a necessidade de forçar a regra da associação livre, através do silêncio e das pontuações que presentificam a fala, ligando-a a fala ao invés de à reconstrução dos fatos.

Em outras palavras, o foco na fala verdadeira, antes de um modelo geral da linguagem ser encontrado no estruturalismo, tornava legível o trabalho de formação responsável pela consistência de uma fala sem referente, isto é, responsável pela constituição da fala como implicando um sujeito da experiência analítica.

A atenção mais demorada de Lacan à técnica, portanto, não significa uma visão mais “imaginária” da psicanálise, onde o analista poderia seguir um manual de sua prática - ideia que Lacan critica desde seus primeiros textos - mas antes uma preocupação com o trabalho que produz a clínica enquanto uma experiência concreta e singular. Essa preocupação diz respeito, por um lado, à implicação do analista no objeto de sua prática, à importância de considerar a passividade do analista como um aspecto formador da fala que visa escutar. Mas, por outro, diz respeito à constituição não de “uma” experiência analítica, mas da experiência analítica em geral: ou seja, concerne o próprio estatuto da prática e teoria.

Salta à vista a importância dos escritos da “pré-história” lacaniana quando consideramos o debate sobre a cientificidade da psicanálise. A questão de se a psicanálise é ou não uma ciência muitas vezes encontra um empecilho no fato de que faltaria à psicanálise, por conta da singularidade dos casos clínicos, um protocolo de verificação de seus resultados - protocolo esse associado, na ciência, à possibilidade de repetir um dado resultado experimental.

O debate em torno da formalização do caso clínico ou da teoria analítica não seria capaz de absorver por si só essa questão, uma vez que não haveria, na psicanálise, espaço para a discussão de sua dimensão experimental. Um experimento implica a produção de condições artificiais, dentro das quais uma dada variação pode ser verificada, e sua independência de outros fatores assegurada. De certa forma, os avanços da psicanálise na direção de constituir um modelo formal para sua teoria, através da linguística estrutural, eclipsam o fato de que, nesse primeiro momento de seu ensino, em que a técnica e a experiência analítica estavam em primeiro plano, Lacan elaborou uma teoria da psicanálise que incluía a construção de condições artificiais como uma pré-condição para que a experiência da fala e da escuta pudesse assumir os marcos freudianos.

Por último, isolar os problemas enfrentados por Lacan relacionados à fala de sua interpretação pela teoria do significante tem como função justamente afirmar que Lacan já possuía um problema prévio para o qual o Significante é uma solução que nos ajuda a pensar com mais clareza os problemas que enfrentamos em relação à fala. A saber, e isso é importante ser marcado, não é o significante que nos faz pensar sobre esses problemas, ele não inaugura essas preocupações, ele nos ajuda a pensar algo que a experiência já apresentava como problema. Extrair as consequências disso e pensar como o significante, enquanto solução, também se exaure levando Lacan a testar novos modelos para lidar com o mesmo problema pode ser uma das consequências e continuidades do que apresentamos nessa pesquisa. Ou seja,

a possibilidade de lermos as inovações teóricas propostas por Lacan não como soluções de problemas novas, mas da tentativa de resolver problemas fundantes dos anos 30 e 40.

Referências:

- ASKOFARÉ, S. *Une physique du sens? Le problème de la formalization en psychanalyse*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamenta, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 573-587, dezembro 2008.
- BEIVIDAS, W. Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. São Paulo: Humanitas, 2001
- BLANCHE, R. La Axiomática. Edición eletrônica de www.philosophical.cl / Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, 1955.;
- DELEUZE, G. (1968) Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DOR, J. L'a-scienficité de la psychanalyse: la parodaxalité instauratrice. Paris: Editions Universitaires, 1988b.
- GRANGER, G.G. Pensamento formal e ciências do homem, volume I e II. Lisboa: Editora Presença, 1967.
- GONÇALVES, R. & ESTEVÃO, I. 2018. 'Lacanian Subversion: Psychoanalysis for the Post-Humanity Era' in *Crisis and Critique*. Volume 5, issue 2, 29-11-2018. PP: 166-183.
- GONÇALVES, R. & ESTEVÃO. 2013. Entre Freud e Marx: Uma análise do fetichismo nos dias de hoje. Acessado em 20/03/2019: https://www.academia.edu/30860820/Entre_Freud_e_Marx_uma_analise_do_fetichismo_nos_dias_de_hoje
- ILLICH, I. A expropriação da saúde. Nêmesis da Medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- LACAN, J. (1936) Para-além do “Princípio de realidade” In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1948) A agressividade em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1953) Discurso de Roma. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. (1953-54/1986) Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud. trad. Betty Milan, RJ: Zahar. [Links]

_____. (1953) Carta a Rudolph Loewenstein de 14 de julho de 1953 [Trad. P. S. de Souza Jr.]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -1, p. 13, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/carta-de-jacques-lacan-a-rudolph-loewenstein/>>

LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e sua Magia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 193-213 e

_____. A Eficácia Simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 215-236.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013

MILLER, J-A, Percurso de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

MILNER, J.-C. Lacan and The Ideal of Science. In: Lacan & The Human Science. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991

_____. A Obra Clara. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

_____. Da Linguística à Linguística. In: Lacan, o Escrito, a Imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

ROUDINESCO, E. Lacan: esbozo de una vida, historia de un sistema de pensamiento. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Ltda., 1994

SIMANKE, R. Metapsicologia lacaniana: os anos de formação. Curitiba: Editora UFPR, 2002

TUPINAMBÁ, G. Desire of psychoanalysis, *no prelo* 2019

VICENZI, Eduardo. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 27-40, June 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982009000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Fe. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100002>.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? *O Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 2010